

Panorama Social

*Dinâmica Interior dos
Relacionamentos Humanos*



Lucas Derks

Lucas Derks

Panorama Social

dinâmica interior dos relacionamentos humanos

1ª edição

**Campinas-SP
IDPH
2010**

Capítulo 7
O panorama espiritual



7.1 Psicologia e religião

Em 1902 William James publicou uma série de textos sob o título “As Variedades da Experiência Religiosa”. Juntos, constituem um estudo psicológico no qual James conclui que as experiências religiosas – tais como visões da Virgem Maria, possessão, êxtase religioso, experiências místicas, ‘ver a luz’ e outras similares – têm muito em comum com suas equivalentes do dia a dia. Na opinião de James estes fenômenos adquirem suas qualidades sobrenaturais apenas do contexto no qual as pessoas os colocam e das conclusões tiradas a partir deles.

James comparou cada experiência sobrenatural a uma experiência natural na qual o mesmo fenômeno ocorria. Um exemplo é o de um homem que está lendo e sabe com certeza que sua esposa está no quarto junto a ele: conversa com ela por um longo tempo – apenas para depois descobrir que a mesma saíra para fazer compras – em comparação com alguém que sente a presença da santa virgem.

James estudou a estrutura da experiência subjetiva de uma maneira semelhante à qual estou empregando aqui. Tanto quanto fundador da psicologia americana, James também foi um dos mais conhecidos oradores da corrente filosófica conhecida como ‘pragmatismo’ (James, 1907). Os pragmatistas olharam para as consequências das crenças religiosas; tinham interesse nos prós e contras das crenças e não em sua ‘verdade’, ‘realidade’ ou ‘exatidão’ (Pierce, 1876).

(Nota do Editor: Num país religioso como o Brasil, local de edição deste livro, vale uma consideração especial à escolha de como representar em linguagem grande parte dos conceitos desse livro especialmente deste capítulo. A escolha de escrever a palavra ‘deus’ com letras minúsculas nesta tradução da versão inglesa deste livro segue os critérios dessa versão. Mais do que isso, trata especificamente da ideia de deus, não do Deus particular de cada religião, muito menos daquilo que concebemos como Único ou Supremo. Devemos saber diferenciar muito bem tais entidades, ou seja, a linguagem daquilo ao que ela se refere. Pois culturalmente aprendemos a atribuir a Deus as nossas qualidades humanas! Aquilo que concebemos como Deus, em essência, conforme vários filósofos e teólogos expressam, é inominado, não tem atributos e não cabe em qualquer conceito ou linguagem humana, nem mesmo na mente humana, talvez por isso algumas religiões orientais chamem de ‘Vazio’, pois está bem além da mente ou da compreensão intelectual humana.)

CRÍTICAS

Nem todos ficaram satisfeitos quando James transformou a experiência religiosa em um objeto de estudo psicológico normal. Mesmo tendo, de maneira virtuosa, enumerado todas as vantagens da religião, ele não recebeu agradecimentos por isto. Os líderes religiosos chamaram de blasfêmia e até mesmo o papa o condenou por isso. Embora o próprio James fosse filho de um reverendo, este deu pouca atenção ao estudo do filho (Cotkin, 1990).

Os problemas com os quais James se deparou eram típicos do próprio assunto. Religião e espiritualidade parecem ser territórios defendidos fanaticamente pelas autoridades da igreja e por outras pessoas que parecem pensar possuir direitos exclusivos sobre eles. Presumo que este capítulo também vai incomodar as pessoas, porque automaticamente semeará dúvidas sobre questões consideradas como verdades sagradas. A interferência psicoterapêutica nas religiões também representa um avanço das ciências sociais no terreno do cuidado da alma, em relação ao qual os sacerdotes anteriormente detinham o monopólio. Graças a psicólogos como James, resta aos pastores de almas simplesmente ficar olhando enquanto a religião é secularizada e o mundo espiritual que costumavam regulamentar vai se desfazendo gradualmente.

APLICAÇÕES

Neste capítulo estudaremos os padrões da cognição social inconsciente em relação à religião e à espiritualidade. A aplicação direta pode ser vista na terapia com clientes que têm problemas com questões religiosas e com o luto e no trabalho com clientes cujas crenças religiosas são muito diferentes das do terapeuta. Outra área particularmente útil de aplicação é a de ajudar clientes de outras culturas, portanto esta pesquisa pode oferecer uma contribuição à psicoterapia transcultural (GGZ Nederland, 2001)⁶⁹.

⁶⁹ O panorama espiritual foi o assunto principal de um seminário sobre terapia transcultural realizado em Paramaribo, no Suriname, em 2004.

7.2 O poder da espiritualidade e da religião

As pesquisas geológicas mostram como a humanidade tem sido repetidamente assolada pela violência da natureza. Mudanças climáticas, meteoros, terremotos, grandes erupções vulcânicas, enchentes e eras do gelo regularmente ameaçam nossa espécie de extinção. O cosmos às vezes se mostra implacável e até mesmo a terra pode tentar nos expulsar através da força de seus tremores, de suas águas e de seus incêndios.

A frequência com que os desastres nos atingem, porém, é tão baixa que parecemos, de tempos em tempos, nos esquecer do nosso desespero coletivo. De acordo com algumas pessoas (Hancock, 1995), os monumentos Neolíticos primitivos (como aqueles edificadas no final da era do gelo) foram construídos com a intenção de nos lembrar destes desastres, mas mesmo assim, todos os esquecemos. Apenas nos lembramos dos mitos que preferimos ver como parábolas e não como história. E ainda além, filmes sobre o Armagedon assombrarão nossos pesadelos e farão sucesso nas bilheterias.

Nós, primatas modernos, desenvolvemos cérebros com os quais é possível filosofar sobre o futuro distante. Quanto maior a habilidade de olhar para o futuro, maior a necessidade de responder à questão sobre como ainda poderemos ter uma vida tranquila, agradável e prazerosa, independentemente do fato de sabermos com certeza sobre a existência de um próximo cataclismo.

A RELIGIÃO É A RESPOSTA

Em primeiro lugar, a religião pode ajudar uma pessoa a acreditar que ela e sua comunidade serão aqueles poupados quando o próximo desastre acontecer e, se mesmo assim as coisas derem errado, então ainda podem ter certeza absoluta de que ao cataclismo se seguirá um mundo perfeito.

Em segundo, as molduras religiosas podem dar forma e conteúdo para as experiências espirituais. As experiências ensinam a pessoa a ver além dos limites de sua própria individualidade e mortalidade. Uma olhadinha na eternidade torna possível colocar o medo imediato da própria morte em perspectiva.

Em terceiro, graças à sensação confortável de certeza trazida pela religião, é possível existir a paz e a extensão necessárias na comunidade para construir um nível superior de civilização. Salvar a própria pele e salvar seus próprios filhos já não são mais as únicas coisas importantes, assim é possível haver um espaço para a comunicação, para a criatividade e para o espírito comunitário na sociedade. Na história mundial, desenvolvimentos culturais importantes parecem sempre ser acompanhados por desenvolvimentos religiosos importantes. A existência de laços sociais mais amplos parece depender muito da existência de ideologias compartilhadas.

A RELIGIÃO COMO PRINCÍPIO ORGANIZADOR NA SOCIEDADE

As lideranças política e religiosa caminharam lado a lado na época de nossos ancestrais. Imperadores, papas, califas, reis maias, imames, eremitas, duques, lamas, bispos, padres, cavaleiros, líderes tribais, cardeais e presidentes juntos criaram o nosso mundo moderno. Mas não foi fácil; frequentemente os poderes seculares e os sagrados pulavam na garganta uns dos outros. Às vezes, a religião ganhava, outras vezes a política. Mas agora os líderes religiosos e políticos do ocidente finalmente chegaram a um acordo: os poderes seculares detêm tudo menos a área mais importante, a qual é mantida com a igreja.

Mas a divisão entre igreja e estado não é automática e a fricção que algumas vezes vemos surgir, também pode ser vista entre líderes e xamãs nos quatro cantos do mundo.

Como psicólogo social, não consigo falar de espiritualidade sem pensar em poder. A pergunta principal é: quem é o chefe das coisas mais importantes da vida?

7.2.1 Fontes de informação não confiáveis

Se quisermos descobrir quais são os padrões da vida espiritual podemos descartar a maior parte dos líderes espirituais como fontes confiáveis. Mesmo se eles realmente conhecessem os padrões, provavelmente não nos contariam nada a respeito. Seria mais provável que eles nos confundissem, leigos, através de metáforas, enigmas e paradoxos teológicos (Alstad e Kramer, 1993). Ou iriam querer nos excomungar como hereges, portanto podemos agradecer a Deus

que o poder secular não está mais em conluio com o clero, como estava durante a Inquisição, e os conflitos do nível espiritual não são mais resolvidos aqui na Terra⁷⁰.

Quando estamos fazendo pesquisa psicológica no campo da religião, devemos ter em mente o enfraquecimento das autoridades da religião quando submetermos a fonte do seu poder – o vínculo especial com uma autoridade mais elevada – a questionamentos críticos. As autoridades religiosas correm o risco de perder suas posições se nós, leigos, passarmos a compreender mais sobre a vida espiritual do que elas, principalmente se semearmos dúvidas entre seus seguidores através de nosso conhecimento. Os líderes religiosos não têm muito valor sem seus seguidores e quando estes seguidores têm dúvidas, suas crenças deixam de ter valor.

Um exemplo atual interessante da reação das instituições na Holanda é o teólogo Matzken (1995; 1996) que, em suas publicações, define a ‘pragmática’ – a análise psicológica da experiência subjetiva de práticas religiosas exóticas – como uma doutrina diabólica e oculta⁷¹.

Logicamente uma psicologia humanista radical (Rychlak, 1988), como a deste livro, entrará em conflito com qualquer ideologia que busque a salvação fora da humanidade – em deus. Uma psicologia que negue um poder exterior traz as pessoas para mais perto do seu próprio poder, vulnerabilidade e seu medo da morte (Mandell, 1980). Este tipo de psicologia abre os olhos das pessoas para a ameaça de desastres sociais, ecológicos e cósmicos. O medo é, em muitas religiões, o equivalente ao mal porque desestabiliza os relacionamentos sociais. Exatamente como os avisos do *Greenpeace* são impossíveis de combinar com a crença de que deus automaticamente cuida de tudo para nós.

7.2.2 *A espiritualidade na psicologia clínica*

Muitos psicólogos clínicos estão convencidos sobre a espiritualida-

⁷⁰ Em 2001, vimos o quanto isto é verdade no Afeganistão.

⁷¹ Matzken (1996) é o teólogo que escreveu contra a PNL e particularmente contra a ‘pragmática’, um desenvolvimento transcultural da PNL.

de ser de importância vital para o desenvolvimento pessoal (Sperry, 2001). Intervenções terapêuticas concretas no 'nível espiritual' foram desenvolvidas por Dilts (1993), Andreas e Andreas (1996), Wrycza (1996), Bolstad e Hamblett (1999) e muitos outros. Da mesma forma existem muitas correntes cujas raízes estão no Yoga e no Zen Budismo, como a Avatar (Palmer, 1994), que produziu diretamente métodos úteis para terapeutas.



As técnicas mencionadas acima têm ajudado a tornar os efeitos de experiências espirituais (tais como redução do medo, cura, integração, solução de problemas e redução de conflitos), aplicáveis para o uso no trabalho de aconselhamento fora da prática religiosa. As experiências espirituais, antes costumeiramente evocadas somente por sacerdotes iniciados, agora são acionadas pelos psicólogos e seus 'planos alternativos'

A experiência tem mostrado o fato de tais vivências serem muito mais acessíveis do que a maioria das pessoas pensa. Com os passos certos na ordem correta, o cliente pode se encontrar em meio a uma experiência espiritual dentro de meia hora⁷².

Tão logo uma experiência com características espirituais tenha sido iniciada, pode ser 'inserida' nos pensamentos problemáticos de alguém. Quando isto acontece, o cliente geralmente vivencia imedia-

⁷² A técnica chamada 'Transformação Essencial', de Conniraea Andreas e Tamara Andreas, tem uma reputação sólida nesta área.

tamente como seus problemas perdem seu peso emocional e como é possível refletir a partir de um ponto de vista cósmico, colocando as coisas em perspectiva. Aquilo que num primeiro momento parecia ser um problema, transforma-se em elemento essencial da existência e a pessoa em terapia aprende a vê-lo como enriquecimento interior.

7.3 Padrões na cognição social religiosa inconsciente

Como enfatizei na última parte do Capítulo 6, o sobrenatural é visto como algo tão difundido que as pessoas subestimam suas próprias habilidades inconscientes. Naquele capítulo comentei sobre o fenômeno ativado através do método das constelações ser visto como sobrenatural e ser explicado como 'o sistema', o 'inconsciente coletivo' ou 'a alma do sistema'. As dinâmicas inconscientes das personificações da forma como as descrevi neste livro são uma rica fonte dos tipos de fenômenos que geralmente são rotulados como 'sobrenaturais'.

Este padrão básico é característico e, ao mesmo tempo, delimita a fronteira entre a psicologia e a religião. Se uma pessoa alega que os seres humanos têm poderes inconscientes quase ilimitados, então o lado sobrenatural e religioso de sua visão de mundo desaparece e restará apenas a psicologia. Revertendo o raciocínio, podemos dizer que quanto menos capacidades inconscientes uma pessoa atribui aos seres humanos, mais explicações sobrenaturais serão necessárias para explicar o mundo social e espiritual.

TRÊS QUESTÕES A RESPEITO DAS PERSONIFICAÇÕES ESPIRITUAIS

Neste capítulo observo a religião e a espiritualidade do ponto de vista do modelo do panorama social, especificamente em relação à organização espacial das personificações. A primeira pergunta que surge é: qual é o papel da localização na diferenciação entre as personificações dos vivos e aquelas dos mortos – espíritos e deuses?

A segunda pergunta é: onde as pessoas posicionam os poderes de cura provenientes de experiências espirituais? Em suas autopersonificações ou em personificações (tais como deuses) localizadas fora de si mesmas? Em resumo, o poder está dentro de você ou vem de fora?

A terceira pergunta é: quais configurações de personificações ocorrem nas experiências espirituais e religiosas?

O PANORAMA SOCIAL E O PANORAMA ESPIRITUAL

As perguntas anteriores surgiram do trabalho com clientes que, espontaneamente, me falavam de personificações espirituais. Quando comecei a formular o modelo do panorama social revelou-se que as localizações das pessoas falecidas, fantasmas e deuses eram tão fáceis de encontrar quanto das personificações de pessoas vivas. Desta maneira rapidamente ficou claro que muitos ocidentais criaram para si um panorama espiritual – paraíso – acima dos seus panoramas sociais.

O panorama social e o espiritual não são para a maioria das pessoas, entretanto, dois mundos separados, mas estão entretecidos de uma maneira complexa. Quando as pessoas morrem, passam do domínio social para o espiritual e às vezes os vivos recebem informações do ‘outro lado’ (Derks e Hollander, 1996b).

REGRAS RELIGIOSAS

Toda religião determina como o complexo social e espiritual deveria ser construído. A cosmologia religiosa diz para onde os mortos devem ir, onde vivem os deuses e os espíritos e como deveria ser a conexão com os vivos (Cipoletti, 1989).

Na cosmologia celta, o mundo espiritual era visto debaixo da superfície da Terra, como um mundo de ponta-cabeça. As cavernas eram para eles os portões sagrados do mundo subterrâneo, que visitavam em seus sonhos (Campbell, 1992). Uma pergunta interessante é: nos últimos 20 mil anos, a humanidade evoluiu a partir de leis cosmológicas centradas na Terra em direção a uma orientação mais celestial?⁷³

O ‘paraíso’ é uma metáfora conceitual fundamentada na experiên-

⁷³ A cultura aborígine australiana provavelmente é a mais antiga da Terra (entre 30.000 e 60.000 anos). Nesta cultura a terra é dominante. Após a era do gelo (há cerca de 12.500 anos atrás) parece ter surgido culturas com uma orientação mais celestial. Terá a terra perdido sua reputação de ser um terreno firme após a era do gelo? As especulações a respeito de como foi o fim da era do gelo, e os desastres naturais que se seguiram, talvez forneçam uma explicação (Hancock, 1995).

cia básica compartilhada de ver nuvens, estrelas, planetas, o sol e a lua. Até alguns séculos atrás observar o céu noturno era uma alternativa da qual as pessoas podiam desfrutar antes de ir dormir. A personificação de corpos celestes é algo natural, e um céu povoado com seres espirituais parece ser o próximo passo de acordo com a lógica.

Mas o conhecimento astronômico dos antigos egípcios, babilônios, chineses, maias e incas torna pouco provável que todos os astrônomos da antiguidade acreditassem que os planetas eram entidades conscientes. Nestas culturas também deve ter havido defensores de uma cosmologia despersonificada, os quais equivaleriam aos defensores da 'cosmologia científica' atual.

7.3.1 Padrões na diferença entre vida e morte

Nos capítulos prévios falei da 'permanência da pessoa' (parágrafos 4.5.1 e 6.7.1) referindo-me ao fato de a consciência cognitiva das pessoas continuar a existir independentemente de estarmos vendo-as ou não. Devido a esta consciência, a cognição social humana pode funcionar independentemente de nossa observação social. Podemos pensar nas pessoas quando não estão presentes. Isto pode ir tão longe que as pessoas podem colocar o foco em suas construções sociais interiores a tal ponto que passam a ignorar os fatos observáveis: como no caso das alucinações positivas e negativas de personificações; ver alguém ausente ou deixar de ver quem está lá.

A habilidade de criar personificações torna possível para uma criança pequena dar um lugar apropriado para a avó em seu panorama social mesmo se ela viver do outro lado do mundo e a criança jamais a tiver conhecido. Ela consegue personificar a 'avó' apenas com base em umas poucas histórias combinadas com os produtos de sua imaginação infantil. O mesmo acontece com o pai que deixa a família depois do divórcio. Ele ainda tem um lugar no panorama social da família independentemente do fato de não estar mais lá.

Mas o que acontece com estas personificações quando a avó ou o pai morrem? A permanência da pessoa permite que estas construções sobrevivam?

A maioria das religiões determina o que deve ser feito com o corpo quando alguém morre – dar aos abutres, enterrar, mumificar... Se as pessoas identificam o corpo com a personificação, um enterro ou uma cremação guiará o reposicionamento da personificação (Cipoletti, 1989). Elas podem ser colocadas em um determinado lugar na terra ou, como uma nuvem de pó, na água ou no ar.

Mas se a religião prega a separação do corpo e da alma, então o funeral ainda deixará a questão da alma por ser resolvida, e as pessoas continuarão encontrando a presença remanescente da personificação em seus pensamentos.

Por isso as religiões dão as diretrizes sobre o que fazer com a personificação, assim como fazem com o corpo – cada uma usa uma forma radicalmente diferente de permanência da pessoa. A avó deve ser tirada do local próximo onde caminha sobre o chão e colocada flutuando lá longe no céu. O papai deve ser levado para um lugar muito distante onde fica o eterno campo de caça. A tia talvez vá para baixo, para as profundezas do mundo subterrâneo. E se você está acostumado a visualizar as personificações da tribo dos vivos próximas a si e ao seu redor, então deve colocá-las, mentalmente, na árvore dos ancestrais que fica fora da aldeia⁷⁴. Você também poderia reencarná-los entre os vivos ou dar-lhes ‘permanência do espírito’ nas montanhas ou entre as estrelas (Abrams, 1999).

Mas por que simplesmente não deixamos as personificações dos mortos nas localizações ocupadas antes de morrer?

Você não precisa ser muito observador para notar que ser capaz de diferenciar entre os vivos e os mortos é uma necessidade humana universal. E a razão desta necessidade é simples – se não houvesse diferença, você ficaria constantemente esperando os mortos reaparecerem. Você pensaria neles fazendo coisas e tendo opiniões; contaria com as suas habilidades, motivações e contribuições. Você os confundiria com os vivos diariamente e continuaria a depender deles.

⁷⁴ Cipoletti (1989) descreve como isto é complexo em culturas como a Dajak do Bornéu, a Sadan Toradja de Sulawesi e em algumas tribos do pacífico, da África e da América do Sul.

Enquanto seu parceiro morto permanecer perto em seu panorama social, você não será capaz de se casar novamente. Também será difícil lidar com os bens de alguém ainda pertencente ao seu círculo íntimo.

Para superar a perda, você eventualmente deve ser capaz de liberar os mortos (Klass, 1999) e isto requer colocá-los a uma grande distância em um lugar onde a paz reine. Poderia ser com os deuses e com os outros espíritos dos mortos, ou poderia ser onde eles aguardam por uma reunião celestial (Rosenblatt, 2000).

Algumas culturas, o Cristianismo, por exemplo, ensinam as pessoas a fazerem uma separação espacial muito forte entre os vivos e os mortos. Em outras religiões esta distância é menor. Em alguns casos as pessoas acreditam que os mortos ficam perto dos vivos ou entre eles, como em algumas culturas afro-americanas. Nestas culturas, os mortos, na forma de espíritos ancestrais, continuam a desempenhar um papel importante na vida cotidiana⁷⁵.

Ainda mais interessante é a questão da razão deste padrão ser universal. Por que todas as pessoas, em todas as culturas, em todas as épocas, movem suas personificações dos mortos para outras posições para completar o processo de luto? Por que as pessoas não podem simplesmente apagar as pessoas dos seus panoramas sociais? Por que elas não são simplesmente eliminadas da mente – morto é morto e o que se foi, se foi? Por que nós não apertamos a tecla ‘excluir’?

Defendemos esta hipótese devido a uma lei psicofisiológica (Sinclair, 1982; Derks e Sinclair, 2000). Dado não ser possível, na prática, continuar tratando os mortos como se eles estivessem vivos, continuamos sentindo sua falta. Nossa mente emperra e automaticamente começamos a desligar as personificações ‘desnecessárias’. ‘Extinguir’ é a forma limitada de ‘exclusão’ do nosso cérebro e é um processo que acontece acompanhado de emoções intensas. Se a personificação jamais fosse ativada novamente, então, teoricamente dar uma boa chorada seria suficiente para tornar a extinção permanente, mas isto raramente acontece. Geralmente a pessoa fale-

⁷⁵ Podemos observar pessoas muito ocupadas com oferendas e rituais para apaziguar os espíritos.

cida será trazida à mente de novo, o que reativará a personificação 'desnecessária'. Durante o intervalo entre a extinção e a próxima ativação o cérebro utiliza sua função de 'restauração automática' na personificação extinta, de forma a ficar inteira novamente (Sinclair, 1982)⁷⁶. Choramos novamente até ela se extinguir, mas repetidamente a personificação será restaurada. Em resumo, a extinção raramente é permanente (Derks, 1988; Hollander, Derks e Meijer, 1990). Este mesmo mecanismo limita a eficácia das terapias de alívio emocional (inundação, dessensibilização implosiva, exposição, etc.). Nestas a extinção emocional também não é garantia de resultados terapêuticos permanentes - mudanças no nível cognitivo são necessárias também (Folette, Ruzek e Abeug, 1999).

Em outras palavras, a mudança de localização é necessária por causa da inabilidade de nosso cérebro de apagar 'arquivos'. Estamos permanentemente ligados às personificações das pessoas falecidas em nosso disco rígido mental (Derks, 1989). Apagar não funciona, porém podemos movê-las para os cantos longínquos de nosso panorama social.

Não precisamos, necessariamente, colocar nossos mortos com os deuses, é claro; nós podemos colocá-los embaixo e os deuses acima, ou ao contrário. Mas os seguidores da maioria das principais religiões aprenderam a colocar estes dois tipos de personificação no mesmo lugar, o que torna a morte um destino divino.

William James (1902) também estudou as várias formas de paraíso. Mas quando tentou formar uma imagem realística, chegou a uma cena pouco atraente: o paraíso era populoso demais, com todas aquelas almas se empurrando ao redor do trono de deus. Ele também refletiu a respeito de onde, na evolução, começou a ideia de as almas dos mortos 'irem para o paraíso'. Terá sido na Páscoa do ano 38? Após a última era do gelo em 10.534 a.C.? Ou data do Pleistoceno? Deveríamos compartilhar o céu com os homens de Neandertal e com o Homo Erectus? Sendo um pragmático, preferia a ideia de reencarnação pois resolvia a desagradável finitude da vida, a superpopulação no paraíso e a evolução da alma, tudo de uma só

⁷⁶ Interneurônios inibidores se ativam automaticamente para proporcionar descanso às conexões neurais cansadas, dando às últimas uma oportunidade de se fortalecerem (Sinclair, 1982)

vez. Sim, James tinha muita compreensão sobre a utilidade de uma vida após a morte. Acreditar nisto resolve um monte de problemas insolúveis a respeito da vida, do sofrimento e da morte. Mas James também demonstrou que você não deveria ser severo demais com esta ideia de uma vida após a morte pois ela pode causar mais problemas do que soluções.

7.4 Padrões das experiências espirituais

Se quisermos compreender os padrões da espiritualidade fazendo uso do panorama espiritual, devemos primeiro fazer uma distinção entre 'experiências espirituais' e 'vivenciar espíritos' (Derks, 2000c), pois confundir estas categorias resulta em uma teorização confusa. Esta distinção define a diferença entre espiritualidade social e não-social.

EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS NÃO-PERSONIFICADAS

Experiências espirituais são eventos subjetivos de qualidade e intensidade extraordinárias conhecidas por seus poderes de cura e por sua habilidade de lançar a psique de uma pessoa em uma totalidade plena. A intensidade das experiências espirituais 'repentinas' frequentemente excede qualquer coisa que a pessoa conheça, e é impossível compará-la com qualquer outra coisa. As experiências espirituais são únicas e indescritíveis.

As personificações não precisam desempenhar qualquer papel nas experiências espirituais. As pessoas podem ter 'experiências espirituais não-personificadas' nas quais vivenciam, por exemplo, 'a unificação com a natureza'. Se sua autoperpersonificação não estiver ativa naquele momento, não haverá autoconsciência. Neste caso, poderão falar sobre estar 'totalmente absorvido' ou em 'completa união com a natureza'.

Mais adiante, neste capítulo, lidaremos com as experiências espirituais nas quais as personificações desempenham um papel. Trata-se de uma experiência social combinada com uma experiência espiritual.

INDIVIDUAL OU COLETIVA?

É útil fazer mais duas divisões dentro das categorias de experiências espirituais:

1. Experiências espirituais individuais
2. Experiências espirituais coletivas

A primeira pode ser caracterizada como uma experiência cósmica intensa vivenciada individualmente. A segunda é esta experiência em meio a um grupo.

AUTOCONSCIÊNCIA E O SENTIMENTO 'NÓS' NO COSMOS IMPESSOAL
Embora a percepção das personificações não necessite desempenhar um papel nas experiências espirituais, ela geralmente o faz.

Nas experiências espirituais individuais a autopersonificação pode desempenhar um papel, assim a pessoa perceberá a si mesma em relação ao universo. Esta personificação também pode ter um caráter coletivo e um grupo vivenciará a si mesmo, de maneira semelhante, como 'nós' em relação ao universo. Também vemos a forma na qual a autoconsciência e a consciência de grupo alinham-se em relação a algo mais elevado. Neste caso o eu-cinestésico é o centro do panorama social e o sentimento de grupo fica ao seu redor como os anéis de Saturno.

Na versão individual mencionada antes, a pessoa sente a si mesma e vê a sua autoimagem combinadas a uma consciência do universo impessoal ou da Natureza impessoal e não haverá atividade do panorama social. Este tipo de vivência vem acompanhada de sentimentos que variam de 'total autoconsumação' até 'profunda solidão existencial' (Derks, 1999b). Os eremitas religiosos buscam por uma versão positiva disto, exatamente como os amantes da natureza reivindicam estar. Pode vir como um choque quando subitamente uma pessoa é assaltada por tal experiência. As pessoas às vezes descrevem a forma como a 'cortina social' de repente é aberta por um momento, todas as interações das imagens internas cessam e a pessoa entra em contato direto com o universo. Isto pode acontecer quando alguém veleja durante semanas solitariamente no oceano ou fica de pé no topo de uma montanha - 'apenas eu e o cosmos'. Quando isto acontece a pessoa pode sentir-se como a única 'criatura consciente' no universo.

EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS PERSONIFICADAS

Assim como a autoperonificação ou a personificação-de-grupo, outras personificações também podem desempenhar um papel na experiência espiritual. Acontece quando, por exemplo, são atribuídos fatores de personificação ao universo, à natureza ou a partes da natureza. O modelo do panorama social inverte o texto do Gênesis: "O homem criou deus à sua imagem"⁷⁷. O panorama espiritual é um panteão que passa a existir quando o universo, a natureza ou as forças da natureza são personificadas.

As pessoas podem ter uma experiência espiritual personificada tanto em grupos como individualmente. Moisés é um exemplo clássico de uma experiência espiritual personificada individual; ele encontrou Deus enquanto estava só no topo de uma montanha, após isso desceu novamente para o domínio social de seu povo, trazendo os Dez Mandamentos.

No Equador contaram-me a respeito de uma experiência espiritual personificada coletiva: três crianças viram a Santa Virgem nos Andes.

ENCONTROS ESPIRITUAIS INTENCIONAIS E NÃO INTENCIONAIS

Buscar experiências espirituais individuais, personificadas ou não, demanda muita coragem porque este tipo de experiência envolverá um indivíduo insignificante sendo levado para perto de algo imenso. Encontrar Deus ou o Universo em sua totalidade pode ser assustador quando se está completamente sozinho. Não é algo a ser iniciado sem uma preparação cuidadosa. Moisés, como rei, provavelmente tinha uma enorme consciência de si mesmo, a qual possibilitou-lhe sentir-se menos insignificante ao encontrar Deus do que um homem menos importante teria se sentido. As pessoas que veem a morte como o momento no qual você encontrará o seu criador (aquele que julga), podem ver a morte ou como algo mais assustador ainda se forem pecadoras ou mais tranquilo se não forem.

As tradições religiosas podem ensinar as pessoas a invocarem experiências espirituais através da meditação. Em geral sabe-se ser

⁷⁷ No livro de Julian Jaynes de 1976, *The Origin of Consciousness in the Breakdown of the Bicameral Mind*, muitas questões considerando a consciência e a inconsciência são usadas para explicar como as pessoas chegam a criar deuses e rituais.

este um caminho difícil, uma trilha longa e estreita que leva infinitamente para cima.

Construir uma autoimagem forte e positiva deveria teoricamente ser parte da preparação para uma experiência espiritual personificada, mas muitas tradições religiosas ao invés disto prescrevem humildade. Fazer a autoimagem ficar muito pequena é o que dá acesso aos espíritos; tornar-se pequeno permite aos deuses dominarem você quando quiserem. Parece acontecer geralmente desta maneira. De fato, as pessoas geralmente não se preparam para encontros espirituais, são completamente surpreendidas por eles; as pessoas não 'o' escolhem, 'ele' as escolhe, e por isto sentem-se 'as escolhidas' após este tipo de encontro. Uma experiência espiritual individual repentina é o tipo de experiência que tem maior impacto sobre as pessoas. Você poderia dizer ser o oposto do trauma. A maioria dos líderes religiosos se tornou o que são por causa de uma experiência como esta. Ela os inspira a partilharem o que aprenderam com outras pessoas. Até mesmo muitos ativistas pela conservação da natureza somente se tornaram ativistas após terem tido uma experiência espiritual com a natureza (Derks, 1998c, 2000c).

A DISTRIBUIÇÃO GERAL DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

Sempre quando meus colegas e eu perguntamos aos nossos clientes e aos participantes dos *workshops* sobre suas experiências espirituais, eles geralmente citam vários exemplos. A partir daí concluímos (Derks e Hollander, 1996b) que a maioria das pessoas já passou por uma experiência cabível no enquadramento chamado de 'espiritual'. O lugar dado em suas vidas à experiência pode variar muito. Por ser difícil falar a respeito, a experiência pode simplesmente se tornar uma ilha isolada em suas existências, útil como base para tudo que elas pensam e fazem.

Independentemente de quão comuns sejam as experiências espirituais, buscar ativamente por uma experiência espiritual está além da maioria das pessoas. Se elas querem uma experiência espiritual geralmente preferirão procurar por isto junto com outras pessoas. Na maioria das culturas os que buscam uma conexão espiritual solitária fazem parte de uma elite religiosa. O homem comum vai até Deus em grupos, liderados por um especialista, e a maioria das autoridades espirituais prefere assim. As pessoas que procuram os seus próprios caminhos até os deuses ameaçam o *status* da institui-

ção religiosa. Isto, é claro, não é o caso das religiões nas quais o esforço para alcançar a iluminação individual é algo central. Nestas, o indivíduo buscador de experiências espirituais é automaticamente uma autoridade por si mesmo, como os sadhus do hinduísmo.

As experiências espirituais coletivas geralmente acontecem em rituais de grupo especialmente organizados com este propósito. Se uma experiência como esta é evocada, um membro do grupo sentirá um elevado grau de espírito de equipe juntamente com uma conexão com a natureza, com deus ou com o universo. Esta é a experiência sobre a qual a sociedade é edificada e é como as culturas se desenvolvem. É o tipo de experiência que a maioria das religiões tenta alcançar em seus ritos comunitários. Os padres guiam a congregação até um clímax espiritual coletivo e depois a traz de volta para baixo com segurança.

7.5 O nível espiritual superior

Nos últimos anos surgiram algumas críticas sobre a maneira como Dilts (1993) traduziu a noção de ‘níveis neurológicos’ a partir dos ‘tipos lógicos’ de Bateson⁷⁸. Os críticos desafiam particularmente o fato desta noção resultar em seis categorias separadas – ambiente, comportamento, habilidade, crença, identidade e espiritualidade (Grinder, 1998; Woodsmall, 1999; Flanagan, 1999). Grinder afirma que a lista de Dilts é um ‘modelo de conteúdo’ e não um ‘modelo de processo’. Afinal de contas, este modelo prescreve o que a pessoa ‘deve’ estar pensando.

Esta crítica, entretanto, não se aplica à estrutura hierárquica do pensamento e nós provavelmente podemos resolver todas as diferenças teóricas dizendo que o processo de pensamento humano tem uma tendência a se organizar hierarquicamente. Um pensamento pode dominar outro, mas qual pensamento colocado acima de outro é um assunto do indivíduo e de sua cultura? Uma questão essencial para a linguística cognitiva é: “Como um indivíduo torna um pensamento mais importante do que outro?”.

No trabalho terapêutico, encontramos uma resposta satisfatória na

⁷⁸ Para uma introdução às ideias de Dilts veja também a seção 3.7.

hierarquia de valores (Bandler, 1987; Andreas e Andreas, 1989). Ela mostra ser possível fazer um determinado valor ficar mais importante dando-lhe qualidades sensoriais mais fortes. A pessoa deve tornar o arranjo cognitivo que representa seu valor maior, mais próximo, mais claro, com mais brilho, mais alto ou mais central. Isto certamente não se aplica apenas aos valores, mas também a todas as outras categorias de pensamento. Eu, mesmo sendo o único a fazer isto, pressuponho que as pessoas organizem todos os tipos de pensamentos como os seus valores. Portanto, se seu relacionamento com o universo (espiritualidade) for mais importante do que quem ela é (identidade), a pessoa dará forma a isto através de uma diferença na intensidade das qualidades sensoriais destes domínios de pensamento. Se for assim, então podemos pressupor que a maioria das pessoas dá à espiritualidade as características sensoriais mais fortes.

A questão aqui é: o que é isto representado com estas qualidades sensoriais fortes? Certamente não é nem a natureza do universo, nem o amor que a tudo abrange. Às vezes é a humanidade como um todo ou um ser superior. Mas também pode ser algo como 'liberdade', 'ciência' ou 'meu país' a ter o valor mais elevado do mundo.

A intensidade destas qualidades sensoriais parece, porém, ter limites neurológicos. O cérebro possui, por exemplo, apenas uma localização diretamente acima, e embora você possa pensar em mais e mais alto, ele para no 'mais alto possível'. De maneira semelhante, o cérebro não consegue imaginar nada mais claro do que 'a luz mais brilhante possível de ser imaginada no universo'. 'Que a tudo abrange' e 'que a tudo permeia' também parecem ter limites máximos.

Por conseguinte, podemos dizer que os assuntos vivenciados com as qualidades sensoriais mais fortes automaticamente dominam o pensamento. Espiritualidade geralmente significa, portanto, o cérebro funcionando na 'capacidade máxima'.

A INTENSIDADE E A QUALIDADE DAS EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

É importante para um terapeuta prestar atenção na intensidade e na qualidade das experiências espirituais. A intensidade vai diminuindo com o uso. Toda vez que uma pessoa pensa sobre uma experiência espiritual específica a intensidade da memória diminui.

A qualidade, entretanto, é mantida através do tempo e no final é a qualidade determinante do que a pessoa pode fazer em sua vida com aquela experiência. O poder de cura está na qualidade; a motivação vem da intensidade.

Um bom exemplo de uma experiência espiritual é a experiência positiva de quase-morte. As pessoas frequentemente relatam uma breve visão do paraíso ou o contato com o 'mais elevado' ou com seus representantes. A intensidade destas experiências é muito motivadora; seus efeitos de cura têm sido demonstrados (como um recurso) em muitas sessões de terapia. Frequentemente o nascimento de crianças também é descrito como uma experiência espiritual.

Tanto quanto esses tipos de experiências espirituais muito intensas, existem as conexões cotidianas com a natureza, o universo, os mortos, deuses e espíritos. Estas experiências, com sua intensidade 'normal', compõem a principal parte da vida religiosa. As pessoas falam com a natureza (chuva impiedosa...), com espíritos (Santa Maria, Mãe de Deus...) e deuses (Bom Deus, o que é isto... ?) e, quando rezam, se orientam em direção às localizações do panorama social nas quais posicionaram suas personificações (Pai nosso que estais no céu...)

7.6 Experiências atribuídas aos espíritos

Os fenômenos sociais existentes mais significativos estão associados a encontros com entidades espirituais e William James (1890, 1902), com uma mente totalmente aberta, realizou pesquisas psicológicas sobre o assunto. James não estava tão interessado sobre a existência de fantasmas mas, antes, em *como* eles existiam e qual era o seu efeito sobre a sociedade.

A importância dos fantasmas e dos encontros com fantasmas foi coletivamente trivializada pelos psicólogos modernos. Este assunto é estudado apenas por alguns parapsicólogos e psicólogos religiosos, mas raramente eles obtêm qualquer interesse sério por parte dos colegas (Derks, 1992). Cientistas bem-sucedidos que estudam 'o outro lado' existem apenas em filmes de Hollywood. Filmes como *Poltergeist*, *O Exorcista*, e *Caça-fantasmas* ilustram o enorme interesse do público no assunto. É ideal para provocar arrepios.

OS ESPÍRITOS ESTÃO EM TODA PARTE

Este assunto se torna muito menos obscuro quando você se dá conta de que a Bíblia, e quase todos os outros livros religiosos, relatam encontros com personificações espirituais. Qualquer um que jure solenemente está declarando implicitamente que acredita em entidades espirituais. A influência dos mortos sobre os vivos foi discutida no capítulo anterior; as pessoas afirmam com muita frequência terem contato com parentes mortos. E nem ao menos mencionamos todos os espíritos com os quais convivemos na multicultural Holanda.

... E ESPÍRITOS DITAM A VERDADE

Quase todas as religiões do mundo são baseadas em textos sagrados ditados para os vivos por vozes de espíritos. Em resumo, uma parte significativa da população mundial é guiada pela poesia dos espíritos. Os próprios livros sagrados são personificados: “a Bíblia pode...”, “a vontade da Bíblia...”, “o Alcorão afirma...”, “a Torá diz...”.

Os produtos espirituais modernos são os livros de Seth (ditados pelo espírito guia Seth para a médium Jane Roberts), *Um Curso em Milagres* (ditado por Jesus de Nazaré), *Conversas com Deus* (ditado por Deus). Por mais estranho que possa ser, Jane Roberts, dos livros de Seth, também escreveu um livro no qual relata seu contato com o espírito de William James (Roberts, 1978).

Quando sintonizei o espírito de William James, disse-me alto e claro que a experiência de ‘ditado’ acontece com todo o escritor. Ele também mencionou o exemplo da ‘escrita automática’ na hipnose, no qual uma parte inconsciente da pessoa assume a escrita – às vezes até mesmo com a mão ‘errada’ da pessoa (Hilgard, 1977). O próprio James constantemente tinha a experiência de uma voz interior ditando-lhe as frases, mas ele atribuía isto a algo proveniente do processo de pensamento inconsciente e não a uma voz do futuro pertencente a alguém como Lucas Derks ou Jane Roberts.

Alstad e Kramer (1993) assinalam como os textos ‘canalizados’ automaticamente têm autoridade inquestionável. Se você realmente acredita que *Um Curso em Milagres* tenha vindo do espírito de Jesus, então isto exclui todas as questões críticas: tudo que você pode fazer é tentar entender o texto.

HÁ SEGURANÇA NOS NÚMEROS

Da mesma forma que fizemos com as experiências espirituais, é útil distinguir entre encontros individuais e coletivos com espíritos, deuses, fantasmas e anjos. Em primeiro lugar, porque o relato de uma experiência coletiva com um espírito tem um impacto social muito maior do que uma história sobre um encontro individual. Afinal de contas, um indivíduo pode estar iludido⁷⁹, mas quando uma centena de pessoas veem juntas um fantasma estatisticamente é pouco provável se tratar de coincidência. A confirmação social também será obtida quando milhares de pessoas vão ouvir alguém contando sobre seus encontros com anjos.

DEVE TER SIDO UM ESPÍRITO

Vivenciar um espírito ou outra entidade sobrenatural não é algo necessariamente acompanhado de ver, ouvir ou sentir. Frequentemente o vivenciar um espírito é simplesmente uma questão de atribuição. Uma pessoa atribui certa experiência (extraordinária) à influência de um espírito, sem este espírito estar realmente 'na cena'.

O raciocínio por trás desta situação geralmente é simples; alguém passa por uma experiência espiritual incomparavelmente intensa e rica, tão arrebatadora que não consegue colocar em palavras e considera impossível acreditar ser apenas um produto da sua própria neurologia. Isto significa que ela é forçada a atribuir esta experiência a alguma coisa fora dela mesma⁸⁰. Que opções esta pessoa tem? Quem pode ter causado esta experiência incrível? Quetzalcoatl? Hanuman? Baal?

⁷⁹ Eu (Lucas Derks) já tive dois encontros com espíritos em minha vida. Nas duas ocasiões a experiência foi auditiva: os espíritos falaram comigo com uma voz muito clara. Em uma das vezes afugentei o espírito através da tática de retrucar o que ele dizia. Recentemente, conversei com um colega que havia visto o espírito de uma pessoa falecida; o espírito vivia no quarto de hóspedes no qual ele dormia. Provavelmente estas experiências são muito disseminadas; mas as pessoas tendem a mantê-las para si com medo de serem tomadas como loucas.

⁸⁰ Lewis sugere que as pessoas com um ego pequeno tendem a procurar explicações fora de si mesmas quando têm uma experiência espiritual. O mesmo se aplica às intuições extraordinariamente precisas. Caso você tenha pouca escolaridade e *status* social, é difícil acreditar em suas próprias habilidades. Facilmente se constrói um anjo da guarda, um deus ou espírito auxiliar como sendo a causa externa. Em algumas tradições xamânicas este é o ponto de vista dominante sobre como alguém pode ascender de uma classe mais baixa até um tipo de sacerdócio.

Por estas razões é muito comum atribuir estas experiências espirituais intensas à personificação de um poder sobrenatural e por isto são chamadas de experiências *espirituais*.

PONTOS DE VIRADA ESPIRITUAL NA VIDA

Visões de Deus, de Cristo, da Virgem Santíssima, de Buda ou de outras entidades sobrenaturais podem ter as mesmas qualidades sensoriais de uma experiência espiritual. Elas frequentemente são acompanhadas por uma luz clara, brilhante, central, juntamente com sentimentos calorosos de amor universal e conexão. Isto geralmente transforma de modo radical as pessoas: criminosos e viciados podem 'renascer'. Os sentimentos positivos resultantes com frequência dão à pessoa a energia para começar a dar apoio aos seus companheiros necessitados.

ENCONTROS COM O MAL

Um tom emocional amoroso e eufórico é o extremo oposto do frio, do vazio sombrio e do horror que acompanham a experiência frequentemente traumática de se encontrar com um fantasma, um espírito maligno ou com o príncipe das trevas.

Aqui também, esta pode ser uma experiência sem precedentes de intensidade desconhecida (neste caso negativa) que uma pessoa não consegue atribuir à sua própria psique. James, que sofreu de depressão até os 40 anos, mencionou neste caso o 'abismo do horror'. O diabo não precisa aparecer pessoalmente para receber a culpa.

A crença limitante no demônio, do Cristianismo atual, provavelmente é a razão pela qual o número de visões relatadas permanece limitado. Isto porque uma personificação deve primeiro figurar no panorama social de alguém para ter alguma influência. Tanto os incas como os astecas possuíam deuses com aparência europeia em seus panteões, conhecidos como 'bons'. É por isto que ficaram tão perturbados quando se revelou que os espanhóis estavam atrás de seu ouro e de suas vidas.

A diferença entre um encontro agradável e um assustador com uma personificação espiritual provavelmente está relacionada à forma com a qual a personificação relevante foi armazenada na memória de alguém antes de ocorrer a visão. Se é uma personificação da qual a pessoa tenta manter distância em seus pensamentos, esquecer, ba-

nir ou reprimir – como belzebu – então um encontro somente pode acontecer se os mecanismos inibidores relevantes não estiverem funcionando, como pode acontecer na exaustão, doença, sob efeito de álcool, em viagens com LSD ou mescalina, desequilíbrio hormonal, transe e quase-sono. Aí as sensações acompanhantes geralmente são frio, vazio e sentimentos desagradáveis. Ver o espírito de um bom amigo falecido há muito tempo, por outro lado, geralmente é acompanhado de emoções positivas.

A GRANDE IMPORTÂNCIA DA DISTÂNCIA

Espíritos podem ser aterrorizantes e perturbadores. Esta é uma das razões porque a maioria das pessoas geralmente representa suas personificações espirituais muito longe, a uma distância de cerca de 6 a 100 metros mentais – muito mais longe do que colocam as pessoas vivas significativas em seus panoramas sociais. Após um encontro repentino, as entidades espirituais frequentemente são vistas a apenas alguns metros de distância. Neste caso, são vistas com quase as mesmas qualidades de uma pessoa viva. Quando isso acontece elas têm o maior impacto.

Como Mavromantis (1987) sugere, estas experiências sobrenaturais geralmente acontecem com pessoas em estado incomum de consciência. As pessoas ficam particularmente suscetíveis a encontros com seres do outro lado durante o estado hipnagógico que precede imediatamente o sono. Com frequência falta uma das modalidades sensoriais em experiências deste tipo; não há imagem, não há som ou não há sentimento (sensação).

NÃO EXISTE AMNÉSIA DE FANTASMAS

Uma pessoa não esquece facilmente o que sentiu, viu ou ouviu durante um encontro com um fantasma. A memória clara das experiências espirituais é muito diferente da amnésia que se segue à maioria das experiências hipnagógicas (quase-sono). Isto é devido ao fato destes encontros serem imediatamente seguidos por um momento no qual a pessoa fica completamente desperta, o que a impede de esquecer o acontecido (Sinclair, 1982; Derks e Sinclair, 2000). Os espíritos acordam uma pessoa, portanto o transe do sono é imediatamente seguido por um estado hiperalerta e tudo será lembrado nitidamente. Consequentemente os sentimentos gerados por tal encontro podem durar dias.

7.7 Intimidade com os espíritos

Uma vez perguntei a um rapaz balinês onde percebia seu falecido pai e ele apontou para um lugar, a um metro de distância e ligeiramente à direita. Eu imediatamente perguntei se aquilo era confortável, mas ele me assegurou ter um sentimento caloroso de conexão em relação a isso. Pode isso significar que na cultura hindu era típico perceber os mortos perto de si? Estas são questões que deveriam ser pesquisadas pelos antropólogos. Na nossa cultura também, os que já partiram frequentemente são vistos em uma distância próxima; isto não representa um problema quando a pessoa está em paz com seus mortos. Se, porém, ela fica perturbada com isto, então é necessário prestar atenção.

Como já mencionado no capítulo anterior, os membros familiares já mortos podem ter uma influência enorme sobre parentes vivos. Em particular os suicidas, as vítimas inocentes, as pessoas falecidas prematuramente, os amantes abandonados e as crianças abortadas parecem tornar a vida difícil para os sobreviventes (Cipoletti, 1989). As pessoas de quase todas as culturas estão cientes de que este tipo de morto tem a tendência de assombrar. Recentemente, tratei uma cliente com problemas com uma avó que havia cometido suicídio, mesmo sem nunca tê-la conhecido.

Mas mesmo aqueles que partiram em paz podem ser percebidos como uma companhia desagradável. De modo geral podemos dizer que, não importa quão certo você esteja sobre uma entidade espiritual específica ser amistosa, para a maioria das pessoas trata-se de uma ideia perturbadora imaginá-la lá, de repente, em pé ao seu lado. Fantasmas são essencialmente 'diferentes' dos vivos. As personificações espirituais geralmente não têm o fator de personificação 'qualidade de ser perceptível'; normalmente você não é capaz de vê-las, ouvi-las ou senti-las. Mesmo se conseguir, há quase sempre algo de estranho em relação a elas. As personificações espirituais não são iguais às dos vivos, o que significa que mesmo as pessoas que possuem um bom relacionamento com o mundo espiritual prefeririam manter uma boa distância mental entre elas e os espíritos. Mas certamente isto não é verdadeiro para todo o mundo.

A presença de personificações espirituais dentro do círculo íntimo de alguém - à distância de um braço ou menos - geralmente im-

pedirá a pessoa de iniciar relacionamentos íntimos com os vivos. Monges, freiras, xamãs e padres podem às vezes ter tanta intimidade com o mundo dos deuses que uma existência celibatária é inevitável. Os mesmos mecanismos atuantes entre amantes de carne e osso, onde não se tolera mais ninguém em uma posição tão próxima no panorama social, parecem funcionar também no caso das pessoas amadas desencarnadas.

Observando a arte religiosa e escutando as expressões religiosas podemos concluir que as entidades espirituais líderes do panteão frequentemente aparecem com as mesmas qualidades sensoriais das experiências espirituais. Elas têm brilho, são grandes e centrais. A distância é, no entanto, o fator decisivo. Esta distância é muito grande: geralmente grande demais para o gosto de seus adoradores. Um anjo visto a uma distância de 100 metros talvez tenha a altura de 10 metros e seja brilhante como o sol, mas se fosse vivenciado à distância de cinco metros então os sentimentos positivos inspirados por sua presença seriam muito mais fortes.

Muitos exercícios religiosos se referem a sentir o contato com os deuses. Para conseguir isto, geralmente a distância deve ser diminuída. Mas como? Como já mencionamos, o medo aqui é o eterno inimigo. Apenas aqueles com muito pouco a temer de um deus – pessoas protegidas por uma grande e consistente autoconsciência e aqueles sem pecados – podem ousar se aproximar. Por isto a meditação sobre a autoimagem e os rituais de limpeza são tão necessários para muitos xamãs. O conflito interior entre se aproximar e evitar é um problema para todos os que desejam entrar em contato com o mundo espiritual.

7.8 O paraíso sobre a Terra*: De quem é o verdadeiro deus?

Qualquer um que esteja dando uma passada pelos canais da televisão de Los Angeles em uma manhã de domingo será agraciado

* N.T.: o subtítulo original é "*Heaven on Earth: Whose is the true god?*", cuja expressão "*Heaven on Earth*" equivale a 'Céus!', 'Por Deus!'.

com muitos pregadores de televisão competindo, os quais tentam através dos sermões mais dramáticos tornarem-se o único fornecedor daquela personificação localizada no topo de seu panorama social. Se um marciano assistisse a esta competição através do seu super-receptor com conversor para a Terra, provavelmente se perguntaria: “Do que se trata esta agitação toda?”.

Se o marciano fizesse alguma pesquisa no ‘Instituto para Pesquisas sobre a Terra’, logo descobriria que as pessoas, há milhares de anos, têm consciência de a espiritualidade ter fortes poderes de cura e de criar vínculos sociais. Observada do ponto de vista da psicologia cognitiva, a espiritualidade é o nível mais elevado possível; é naturalmente vista como muitíssimo importante. Como já dissemos, o elevado *status* da espiritualidade se origina automaticamente de suas qualidades sensoriais totalmente dominantes. Devido a tal visão, os líderes espirituais proclamam a si mesmos como os distribuidores da espiritualidade para, automaticamente, obterem grande poder social. Eles serão colocados acima da maioria dos líderes mundiais nos panoramas sociais de seus seguidores. Adicione a isto o tamanho do grupo de seguidores de uma pessoa determinar parcialmente sua renda, aí então o marciano compreenderá do que se trata toda aquela agitação. Fazer o *marketing* bem-sucedido de deus dá *status*, dinheiro, respeito e poder social inquestionáveis.

Em quase todas as culturas do mundo as estruturas do poder se erguem acima do domínio social secular. Sua conexão especial com os superpoderes espirituais dá aos xamãs e aos sacerdotes um poder ‘mais elevado’ e sua conexão com os deuses dá a eles mais *status* do que conseguiriam obter através de meios políticos ou econômicos. Para esta fonte de poder ‘conferido por deus’ funcionar é necessário que muitos membros da congregação tenham construído a representação destes superpoderes em posições altas de seus panoramas sociais; significa os seguidores crerem firmemente no mundo dos deuses.

A CRIAÇÃO SOCIAL DA VERDADE ESPIRITUAL

Neste livro consideramos todas as personificações – inclusive as espirituais – como construções mentais. Deuses são personificações e personificações são partes da pessoa. Portanto, os deuses são partes do indivíduo criadas por ele mesmo. Esta visão é, com certeza,

diametralmente oposta àquela que dá às personificações espirituais seu grande prestígio. Um deus não pode ser uma criação individual, deve pelo menos ser uma criação coletiva e, na verdade, não deve ser uma construção de maneira alguma, mas uma realidade. Uma entidade espiritual deve ser vista como algo exterior para funcionar apropriadamente como um ser completamente independente do observador. De acordo com James, o contexto e a interpretação sobrenaturais, que dão a estas experiências o seu lugar especial, somente podem existir se aquilo for verdade. Em resumo, um espírito tem que ser 'real'.

Uma experiência espiritual deve ser atribuída a atividades do espírito para alcançar o máximo efeito psicológico. Uma imagem da Virgem Maria chorando ou de um anjo brilhante deve existir por si mesma e não através de alguma técnica de um padre. Por isso a diferenciação é sempre tão essencial nos testemunhos sobre milagres; isto levou à existência de milagres reconhecidos e não reconhecidos pela Igreja Católica. Se um milagre é reconhecido então geralmente leva à beatificação ou à santificação. A igreja tem muito cuidado em não fazer isto com pessoas vivas; um santo vivo estaria em posição de sobrepujar toda a hierarquia episcopal.

O que você faz quando vê um espírito? Você sai alardeando ou você fica quieto? A incerteza em relação a como um relato deste tipo de visão será recebido pelo ambiente social faz as pessoas oscilarem entre a possibilidade de internação em um hospital psiquiátrico e a beatificação. O *status* social da pessoa e o fato de ela ter visto o fantasma sozinha ou na companhia de outras pessoas ajudarão a decidir o que fazer. Se dez generais da força aérea e dez astrônomos independentemente virem uma invasão de marcianos na mesma ocasião não vão acabar tomando drogas antipsicóticas. Mas se você for para a rua neste exato momento e gritar ter visto um arcanjo é provável que seu círculo de amizades diminua.

William James (1890) compreendia que os sentidos desempenham um papel crucial na experiência da verdade. Ele percebeu que, para a maioria das pessoas, uma coisa somente se torna 'real' se elas puderem tocá-la e segurá-la. Tanto quanto James, podemos ver o ato de carregar estátuas sagradas em procissões como uma maneira de conferir tangibilidade aos deuses, exatamente como as crianças usam objetos para dar vida à sua imaginação. Mas foi apenas o

trabalho pioneiro de Bandler (1987) no campo das qualidades sensoriais a nos mostrar que 'certeza' e 'verdade' são apenas uma questão da forma cognitiva correta⁸¹.

Então, torna-se compreensível os líderes espirituais tentarem dar aos seus conceitos religiosos certeza e verdade. Em seus sermões, guiam as qualidades sensoriais que suas congregações concebem no intuito de afetar, através de sugestões diretas, a representação das personificações espirituais e assim dar aos conceitos uma qualidade maior de certeza e verdade. Utilizam metáforas poderosas, adjetivos fortes, testemunhos individuais e o fato de, nos grupos grandes de pessoas, ao concordarem umas com as outras, terem um poder maior de convencimento.

A atividade mental que os crentes precisam para fortalecer sua crença no mundo dos deuses não é diferente daquela empregada no processo de acreditar em bactérias, na gravidade ou nos átomos (Hollander, 1997). No que se refere à doutrinação pode-se fazer um paralelo entre os dogmas racionais, empíricos e científicos e a influência religiosa (Você acredita no panorama social?).

Pode ser esclarecedor trabalhar diretamente com as qualidades sensoriais das entidades espirituais. Hollander (1997) fez experimentos com o que chamou de 'operadores da realidade'. Quais qualidades sensoriais definem a diferença entre o 'real' e o 'não real'? Ou, mais importante ainda, quais qualidades sensoriais uma memória precisa possuir para termos certeza de ela realmente ter acontecido? Esta pergunta é tão válida para o testemunho de um crime quanto para a visão da virgem santa. Quão real foi aquela visão?

A configuração exata das qualidades sensoriais necessárias para vivenciar alguma coisa como real varia de pessoa para pessoa. Geralmente podemos dizer (Derks e Hollander, 1996a) que as experiências são mais realísticas quanto mais coloridas, sólidas, tridimensionais, próximas, melhor focadas, opacas e abrangentes elas forem. Estas são as qualidades possíveis de serem sugeridas por um sacerdote no intuito de dar mais 'corpo' a um conceito religioso.

⁸¹ As palavras indicativas da experiência sensorial são chamadas 'predicados' no trabalho de Bandler e Grinder (1979). Estas palavras revelam se a pessoa está tendo experiências visuais, auditivas ou cinestésicas.

‘Ver para crer’, portanto, não é verdadeiro para todo o mundo. Para algumas pessoas, tocar, cheirar, medir e testar estatisticamente são necessários para atribuir a alguma coisa o *status* de fato. Outras se convencem ao ver que algo tem uma longa história: “Se os antigos egípcios acreditavam nisto, então deve ser verdade”.

7.9 Autoridades espirituais

Em seu livro *The Guru Papers* (1993), Dianne Alstadt e Joel Kramer analisaram a estrutura do poder espiritual segundo seu funcionamento dentro de seitas religiosas. Nestes grupos de culto, o líder sempre é visto como mais poderoso do que todos os líderes mundiais. Assim os líderes de seitas muitas vezes obtêm poderes ilimitados sobre seus seguidores.

O uso deste poder geralmente se torna perceptível tão logo as práticas do culto se tornem ilegais. Confrontos sangrentos com a polícia ou suicídio coletivo como em Jerusalém, Waco, Tóquio, Jonestown e Pequim ilustram como líderes carismáticos de seitas podem utilizar a espiritualidade como fonte de poder. Isto os tornam temidos e odiados, não apenas pelas instituições religiosas, mas também pelas autoridades seculares.

As instituições religiosas e as autoridades seculares frequentemente tentam exorcizar este mal sectário. Um método tradicional para isto, de acordo com Jenner e Wieggers (1998), é canonizar o documento sagrado oficial. As seitas podem então ser declaradas heréticas caso não observem os textos padrões.

O ódio em comum das instituições religiosas e das autoridades seculares tem dado fim a líderes carismáticos de seitas, como no evangelho segundo São João. No fim, os líderes dos cultos devem obedecer à lei; resta-lhes apenas esperar pela justiça divina.

BANCANDO O INTERMEDIÁRIO ENTRE O HOMEM E DEUS

Alstadt e Kramer descobriram um importante padrão na conexão entre líderes religiosos e o mundo dos espíritos. Líderes espirituais obtêm seu poder a partir de sua habilidade de convencer os seus seguidores de que eles próprios têm um relacionamento especial

com o reino espiritual. Os líderes demonstram este relacionamento revelando augúrios e sabedoria confiados a eles pelos deuses ou através de milagres realizados 'com autorização' dos poderes mais elevados.

Tais conexões especiais precisam ser configuradas nos panoramas socioespirituais dos seguidores. Os seguidores provavelmente visualizam os líderes em posições centrais e acima dos mortais normais. Eles veem a conexão espiritual entre o poder mais elevado e seu líder como um fecho de luz descendente. Uma breve olhada na arte religiosa revela a maneira como as pessoas veem tais conexões espirituais, geralmente através de linhas douradas e halos brilhantes.

Alstadt e Kramer (1993) observaram muitos líderes espirituais permanecerem no poder porque sugerem aos seus seguidores que esta conexão com os níveis espirituais é exclusiva de líderes que conseguiram alcançar tal conexão. A doutrina leva os seguidores a criarem um panorama socioespiritual no qual eles mesmos estão separados dos deuses, mas com os quais seus líderes podem se comunicar. Esta estrutura resulta em um alto grau de dependência. Em qualquer grupo religioso esta diferença de acesso ao altíssimo determina a quantidade de poder detido pelo líder.

Uma elite religiosa também exerce o poder prescrevendo quais condições um seguidor normal deve atender para obter contato com o todo poderoso e como a alma pode alcançar sua finalidade divina durante ou após a vida.

EU POSSO VER O QUE VOCÊ NÃO VÊ

Não é necessário os seguidores terem permissão para ver o que há no topo do panorama espiritual, ou de onde vem a luz dourada. Geralmente podem mesmo ser deixados na ignorância a respeito da verdadeira natureza do todo poderoso. É suficiente para uma pessoa ter a noção de que deve haver algo lá – no nível mais elevado e abrangente do seu panorama socioespiritual – sem ela ter a menor ideia do que é exatamente. Os líderes religiosos podem manter esta informação para si mesmos.

RADIAÇÃO DA AUTORIDADE RELIGIOSA

Quando um padre ou um xamã fala de experiências místicas, podemos frequentemente observar a expressão não-verbal de entusiasmo religioso. Este tipo de expressão extática pode ser atribuída ao fato de a pessoa estar revivendo as experiências espirituais enquanto relata. Geralmente, figuras visionárias veem à sua frente, aquilo sobre o que falam com qualidades sensoriais vívidas e fortes. O ato de falar sobre as experiências é acompanhado por uma sinestesia visual-cinestésica do conteúdo em questão. Por exemplo, quando um visionário fala as palavras: “O espírito é verdadeiramente grandioso”, também estará vendo uma imagem grande do espírito e tendo uma forte sensação de sua presença. Esta experiência se mostrará imediatamente em toda a comunicação não-verbal daquele que fala, o que reforçará convincentemente a impressão que os ouvintes têm de um espírito ‘verdadeiramente grandioso’. Muitas pessoas ficam inspiradas por este estilo visionário; outras preferem evitá-lo totalmente.

7.10 Palavras bonitas e linguagem retumbante

Os líderes espirituais frequentemente usam neologismos, metáforas e amplas abstrações para reforçar as construções espirituais/sociais de seus seguidores.

O mundo espiritual/social com frequência é baseado em conceitos abstratos tais como amor incondicional, unidade cósmica, habilidade para render-se completamente, dissociação, ausência do ego, pureza, não-egoísmo, humildade, desincorporação e iluminação. Qualquer um que tente julgar o mérito de tais conceitos ou criticá-los pode se tornar vítima do que Alstadt e Kramer (1993) chamam de ‘artimanhas dos gurus’. São táticas verbais para desarmar a crítica como: “Você só consegue compreender a iluminação se for iluminado”. Ou se um seguidor perguntasse: “O que é amor incondicional, mestre?”, a artimanha do guru poderia ser: “Que eu te ame independentemente do fato de você ter feito uma pergunta tão apegada ao ego”.



SEMINÁRIOS 'PRAGMÁTICOS'

De acordo com esta visão poderíamos dizer que um seminário 'pragmático' como os realizados por Hollander e Derks entre 1993 e 1998 podem ter um caráter libertador. Fazendo um trabalho baseado em nossa pesquisa sobre xamãs, padres e cultos espiritualistas (Candomblé, Gnava e Umbanda) ensinamos os participantes a se comunicarem com deuses e espíritos sem a ajuda de um intermediário (Derks e Hollander, 1996a; Hollander, 1997).

Se uma pessoa desenvolve suas próprias conexões espirituais então os padres perdem seu poder sobre elas, caso este poder esteja baseado no acesso exclusivo do padre ao sobrenatural. A maioria das religiões modernas prega cada vez mais esta conexão pessoal com o todo poderoso.

EU SOU ILUMINADO, AGORA É A SUA VEZ

Em termos do panorama social podemos dizer que muitos líderes espirituais ensinam seus seguidores a darem muito mais importân-

cia a um grupo específico de qualidades humanas. As lições podem ser, por exemplo: o amor incondicional, a rendição total à fé, o altruísmo ou a iluminação. Todas são qualidades extremamente importantes para você possuir. E o líder já as possui.

Quanto mais estas qualidades são valorizadas, melhor será a posição do líder no panorama social. A desvalorização das qualidades antitéticas tais como a habilidade de desfrutar de autonomia ou liberdade frequentemente é feita através do uso de técnicas verbais: “Diversão nada mais é do que a identificação com o seu ego”, “Autonomia é a negação da sua conexão com a humanidade”, “Liberdade significa poder escolher não apenas a Deus, mas também a Satã”.

Modelos linguístico-cognitivos na área da resignificação (Bandler e Grinder, 1986) e da palavra mágica (Hollander, Derks e Meijer, 1990) são eminentemente apropriados para analisar a linguagem dos gurus⁸². Por exemplo, observamos os gurus utilizando com frequência adjetivos sugestivos e pretensiosos em expressões como a iluminação *superior*, consciência *pura, puro e verdadeiro* amor, certeza *absoluta*, o eu *superior*, identidade *cósmica* e outros semelhantes. O uso destes adjetivos degrada automaticamente o próximo conceito se o qualificador *não* for usado. Ao usar o conceito ‘amor verdadeiro’, por exemplo, qualquer outro amor se torna comum, inferior ou uma imitação (Grinder e Bandler, 1976). Da mesma forma o conceito psicologia *científica* rebaixa todas as outras psicologias aos domínios do não-científico.

7.11 Os padrões da possessão

Até agora falamos apenas sobre a autoridade de líderes religiosos, mas deuses e espíritos também gostam de ter autoridade. Eles com frequência são as autoridades mais elevadas. Como isto funciona no panorama social?

⁸² Nas técnicas verbais chamadas ‘ressignificação’ (re-enquadramento) e ‘prestidigitação linguística’ a meta é mudar crenças limitantes. As crenças são com frequência conclusões de experiências tomadas como fatos definitivos. A generalização destas conclusões conduz a uma certeza interior que pode impedir a pessoa de alcançar objetivos importantes mais tarde na vida.

A IDENTIFICAÇÃO COM PERSONIFICAÇÕES DOMINANTES

A 'lei da personificação dominante', apresentada no Capítulo 4, explica as diferentes formas de descontinuidade na autoconsciência, em particular a experiência de ser subjugado por uma autoridade. O comportamento submisso que o acompanha geralmente é ocasionado pela autoridade 'real' de carne e osso chegando perto da pessoa, como quando o presidente surge ao seu lado.

O efeito mais marcante na experiência subjetiva é a mudança súbita da primeira posição para a segunda posição perceptual: o 'sentimento-do-eu' encolhe e a pessoa vivencia uma grande perda de autodeterminação. Ao mesmo tempo a pessoa passa a prestar uma enorme atenção nas necessidades da autoridade e terá a tendência de ver a si mesma somente através dos olhos daquela autoridade. Às vezes, sintomas tipicamente hipnóticos aparecem, tais como transe, sugestibilidade e amnésia.

Em resumo, quando a lei da personificação dominante atua, causa uma descontinuidade na experiência de si mesmo (autoconsciência). O cérebro se concentra na personificação mais dominante e se identifica com ela. As pessoas se queixam de 'se perderem' e começam a desempenhar papéis que lembram os sintomas de dissociação e de múltipla personalidade (Giel, 1978; Johnstone, 1979).

ESPÍRITOS DOMINANTES

O fenômeno 'possessão' é tão disseminado em nosso mundo que é um milagre termos sido capazes de mantê-lo quase completamente fora da nossa psicologia ocidental. Todo cristão conhece os conceitos de 'ser tomado pelo Espírito Santo' e 'possessão pelo diabo'. Na igreja Pentecostal, por exemplo, falar em línguas é um ritual aceito e altamente prestigiado. Este é um caso evidente de possessão (Bourguignon, 1968; Hollander, 1997).

Mas a possessão nos parece ser irracional, primitiva e exótica. Provavelmente por isso seja mantida, tanto quanto possível, fora de nossa cultura. Os psicólogos a encaram como algo para antropólogos ou psiquiatras transculturais (Giel, 1978), mas usando o modelo do panorama social podemos compreender os mecanismos por trás deste fenômeno. A possessão não é algo tão louco assim (Johnstone, 1979).

Os espíritos que tomam posse das pessoas são, por definição, personificações com mais autoridade do que as próprias pessoas. Estes espíritos usualmente obscurecem as qualidades sensoriais das pessoas e das autoridades vivas. As pessoas tendem a colocar os vivos dentro da 'esfera social', mais ou menos na mesma altura de si mesmas. Esta limitação não acontece com as entidades espirituais. Podemos colocar um espírito diretamente acima de nós ou profundamente nas entranhas da terra. Diretamente acima e diretamente abaixo são localizações incomuns para as pessoas vivas, porém elas são muito normais para os espíritos, os deuses e os mortos. A maneira como os espíritos são representados na arte religiosa não é coincidência. O Cristo Pantocrator Romano fica no meio, em frente, bem-alto e grande. Ou no centro acima de sua cabeça como nas cúpulas das catedrais barrocas. Altares com estátuas colossais de Buda, Shiva ou Cristo ajudam os crentes a verem suas imagens internas nas qualidades sensoriais corretas.

A POSSESSÃO COMO UM PROBLEMA OU COMO UMA HABILIDADE

Antes de investigarmos mais fundo os mecanismos da possessão deveríamos primeiro observar seus efeitos. Na maioria das culturas nas quais a possessão é comum existem dois tipos:

1. *Possessão de longa duração*: Esta não é bem-vinda e é problemática, como no caso da possessão demoníaca;
2. *Possessão de curta duração*: Esta tanto pode ser uma surpresa agradável como pode ser invocada de propósito; em ambos os casos é vista como uma benção e não como um problema, como no caso de ser tomado pelo Espírito Santo.

7.11.1 *Possessão de longa duração*

Na psiquiatria ocidental poderíamos denominar a possessão de longo prazo como uma forma de desordem dissociativa. Os psiquiatras, na tentativa de dar-lhe um tom médico, utilizaram no passado o termo 'histeria', agora excluído. A tradição Gestalt (Perls, 1969) fala de partes fora do controle do cliente causadoras de todo tipo de comportamentos sintomáticos. O fato de o cliente não ser capaz de interromper os sintomas é a razão devido à qual, com frequên-

cia, são relacionados a causas externas. Quanto mais externo estiver o 'local de controle', mais a causa do problema será procurada na possessão por um espírito.

CULPA E INOCÊNCIA DA VÍTIMA

A possessão de longo prazo é um problema que tem uma vítima, mas esta nem sempre é inocente de culpa pela possessão. Em muitas culturas as pessoas são possuídas pelo espírito de um ancestral vingando-se da pessoa por esta ter quebrado um tabu. O medo da possessão mantém as pessoas destas culturas na linha. Mas pode ser que a possessão seja a culpada e não a pessoa, como quando a infidelidade é atribuída à 'feitiçaria', 'magia negra' ou a um 'espírito maligno', o que oferece muitas vantagens para todos os interessados. Nas culturas ocidentais, o adúltero é sempre a parte culpada, mas colocado no enquadramento da possessão ele pode ser uma vítima inocente. A solução então é o adúltero ser libertado da influência maligna por um padre. Depois sua esposa e a família toda podem celebrar sua 'cura'.

MEDIDAS PREVENTIVAS

As pessoas podem recorrer a todo tipo de rituais mágicos para se prevenir contra a possessão. Um médico de ervas Malawi, com quem me correspondi certa vez, aconselhava enterrar determinadas raízes debaixo da soleira da porta do quarto. Ele também falou sobre alguns extratos de ervas serem muito efetivos. Se, a despeito de todas as medidas preventivas, a possessão é diagnosticada, então haverá basicamente dois tratamentos disponíveis: exorcismo ou reconciliação (Fuller Torrey, 1986).

Xamãs experientes frequentemente afirmam que a reconciliação com o espírito é a única cura verdadeira para a possessão. E eles conhecem rituais cuja finalidade é este tipo de pacificação (Derks, 1992).

EXORCISMO

O oposto de reconciliação é o exorcismo onde um xamã geralmente se comporta de forma muito desrespeitosa para com o espírito na tentativa de forçá-lo, através do uso de maldições e comandos, a se comportar de maneira diferente. O sacerdote tenta enfraquecer

o espírito através da intimidação, a qual, se tudo correr bem, fará a vítima passar a representar o espírito de maneira menos proeminente. Se funcionar, o espírito dará espaço para a autopersonificação da vítima. Quando a vivência de si mesma fortalecer a vítima, a possessão total terá acabado, mas o espírito maligno não terá partido completamente do panorama social da vítima. O demônio não se permite ser facilmente enxotado por um simples mortal falador.

De modo geral, a reconciliação é o método preferido pois os cultos que praticam o exorcismo podem causar muito dano com isto. A geração atual de psicólogos clínicos transculturais veem o exorcismo como uma intervenção que reforça a dissociação. Não apenas o exorcismo é um ritual agressivo, dramático e às vezes doloroso, mas com frequência produz a substituição do sintoma, no sentido psicanalítico da expressão. O espírito frequentemente volta de uma forma ainda pior.

O problema encontrado novamente aqui é das personificações serem extremamente difíceis de apagar. Você pode transformá-las, movê-las e melhorá-las com habilidades, mas apagá-las parece estar fora de questão.

RECONCILIAÇÃO

Um xamã ou terapeuta que imediatamente comece a procurar pela intenção positiva do espírito maligno geralmente tem mais sucesso. A 'ressignificação em seis passos', uma técnica de Bandler e Grinder (1979) se aplica muito bem a isto. O que o espírito quer realizar para a pessoa possuída com estes sintomas? Qual é a intenção positiva? A vítima deveria, por exemplo, parar de transgredir os costumes, tradições, regras do clã ou a lei e deveria viver em harmonia com a tradição familiar? O espírito está tentando fazer a pessoa possuída cuidar do irmão doente ou parar de levar suas vacas para pastar nos campos de outra pessoa?

Um efeito positivo também pode ser alcançado pela técnica mencionada anteriormente de enriquecer os espíritos malignos (personificações odiadas) com as habilidades ausentes (Técnicas 6 e 7). Vários anos de pesquisa sistemática no trabalho com personificações-problema provaram que a adição de habilidades faltantes é uma fórmula amplamente efetiva; é tão efetiva com espíritos malignos como é com pais odiados ou colegas terríveis (Derks, 1998c).

7.11.2 Possessão de curta duração

A possessão de curta duração inesperada e a possessão invocada intencionalmente não são vistas como um problema, mas como uma bênção. Estas são práticas intencionais dos xamãs e de pessoas de muitas culturas no mundo inteiro. Buscam alcançar um contato mais íntimo com os espíritos – a identificação. Obviamente fazem isto com um objetivo em mente, mas qual é o objetivo?

FRANQUIA DOS PODERES SOBRENATURAIS

Às vezes o objetivo é óbvio. Muitos xamãs podem, através da possessão, fazer uso dos poderes sobrenaturais dos espíritos com os quais se unem. Podem fazer milagres e vendê-los com a licença do espírito.

Embora o enquadramento filosófico deste livro exija-me atribuir estes poderes à pessoa possuída, é compreensível um xamã e seu culto não fazerem isto (Lewis, 1971). Ao ficar possuído, um sacerdote de repente se torna capaz de fazer diagnósticos infalíveis a partir dos intestinos de um porquinho-da-índia, curar doenças fatais cantando hinos, predizer o futuro de alguém interpretando os padrões formados pelo jogo de conchas, magnetizar, falar em línguas, exorcizar espíritos malignos, fazer operações psíquicas ou viagens espirituais. Dentro do enquadramento da possessão, um xamã pode fazer muitas coisas úteis para sua congregação.



Mesmo se não acreditarmos em espíritos ou na existência de algo como uma possessão real, ainda assim podemos compreender sua função.

DAR SUGESTÕES COM FORTE EFEITO PLACEBO

O xamã é um membro da congregação com uma função especial. Através de sua abordagem espiritual pode colocar o efeito placebo em ação (Derks e Hollander, 1996a; Hollander, 1997). Seu impressionante desempenho ativa os poderes máximos de cura e sabedoria do paciente. Pode pedir favores e solicitar a cooperação de espíritos poderosos que aterrorizam os mortais comuns. Ele se transforma nestes espíritos, o que gera um efeito dramático e torna tangível algo incompreensível para seus pacientes.

A POSSESSÃO DÁ TEMPO LIVRE AO XAMÃ

Se o xamã precisasse desempenhar o papel do espírito dia sim e dia não, sem passar pelo ritual de possessão primeiro, sua vida seria muito difícil. Graças ao enquadramento da possessão, é capaz de sair do papel. Desenvolve uma bilocalização para a sua autopersonificação em seu panorama social. Uma destas coincide com o espírito que o possui de tempos em tempos. Ele também será colocado em uma bilocalização deste tipo no panorama social de sua tribo.

Se um xamã ficasse todo o tempo possuído, suas amizades, sua vida sexual e sua vida familiar ficariam seriamente ameaçadas. Certamente em uma comunidade pequena seria impossível viver a vida em um estado permanente de possessão. Uma pessoa reencarnada, como Dalai Lama, está sempre no papel e, portanto tem mais problemas para manter uma vida particular do que um xamã possuído uma vez ou outra. A possessão dá um contexto ao seu papel e, portanto, como uma pessoa normal, ainda pode ter falhas como ser mandão ou ter cobiça. Também pode funcionar ao contrário, a pessoa pode ser rude e desbocada quando está possuída pelo espírito e muito agradável quando não está (Hollander, 1997).

A POSSESSÃO COMO MEIO DE ASCENÇÃO SOCIAL

As pessoas de muitas culturas veem a habilidade de ser possuído como uma bênção. O abençoado geralmente sobe vários degraus da escada social após ter se mostrado capaz de ser possuído. Esta po-

sição elitista só é interessante para pessoas com um *status* inferior. Para um aristocrata ou um professor a possessão não trará quaisquer vantagens, mas as trará para uma pobre velhinha oprimida (Lewis, 1971).

Em muitas culturas há uma ligação interessante entre a possessão problemática e a abençoada. Qualquer um que tenha sucumbido a espíritos malignos pode aprender com um mestre a controlar sua situação através da reconciliação. Após isto, o espírito maligno pode tornar-se um espírito auxiliar e ocasionalmente assumir a posse da pessoa, que agora se tornou, ela mesma, um xamã.

VISITANDO OS ESPÍRITOS

Os rituais de possessão são, é claro, realizados em locais sagrados. Os espíritos vivem lá, portanto visitar um altar automaticamente trará a pessoa para mais perto de seus habitantes. Vincular os espíritos a locais específicos automaticamente torna o trato com eles menos perigoso – se você ficar com medo, pode simplesmente ir embora. Principalmente em culturas como o hinduísmo, nas quais os espíritos frequentemente combinam um lado bom e um lado mau, poderia ser perturbador tê-los por perto o dia todo. Se um deus é onipresente, é melhor que ele não tenha más intenções. Se ele tiver, você precisará fazer constantes sacrifícios para ele. Os deuses maias representavam tanto os poderes criativos como os poderes destrutivos da natureza, portanto para evitar os últimos os maias tentavam satisfazê-los através de sacrifícios humanos e de animais. Talvez os sacerdotes responsáveis por realizar os rituais entrassem em um transe de possessão, assim não teriam que ser assassinos frios na vida cotidiana.

A indução de possessão de curta duração é uma habilidade, a qual para um xamã pode ser seu trabalho cotidiano. Geralmente nós, como observadores, podemos ver que uma combinação de estímulos é necessária para ativar esta habilidade: incenso, música, dança, estimulantes... Na hipnoterapia chamaríamos de ‘âncoras de transe’ (Bandler e Grinder, 1986; Hilgard, 1977); elas ajudam a pessoa a alcançar uma consciência alterada. O estado correto de consciência, entretanto, não significa automaticamente possessão.

Em Bali e no Haiti grupos inteiros de pessoas dançam, mas apenas

uns poucos ficam possuídos. Então, o que é tão difícil em relação à possessão?

ESCOLHER O ESPÍRITO CERTO

Os xamãs talvez acreditem em um rico panteão de espíritos e deuses, mas quando querem ficar possuídos, remetem-se a apenas um espírito; o espírito com o qual têm uma conexão especial e que, por esta razão, têm uma imagem muito clara dele em seus panoramas sociais.

SEM MEDO

Muitos médiuns de transe aprenderam a colocar seu medo de lado como preparação para o confronto com um espírito. Muitas vezes fazem isto através de rituais de purificação tais como banhos de ervas, banhos de incenso, dietas, jejum e abstinência sexual. Quando estes rituais são efetivos tornam possível ao xamã expandir sua imagem do espírito envolvido. Quanto mais perto ela chegar, mais intensa será sua influência emocional.

PROXIMIDADE DO ESPÍRITO E AUSÊNCIA DE AUTOIMAGEM

Distância e ego são questões quando se trata de possessão. Somente a elite dos xamãs e sacerdotes conseguem superar seu medo do mundo dos espíritos – os mortais normais não ficam tão entusiasmados em relação a ter um encontro real com um espírito ou um anjo.

Este medo torna difícil visualizar os deuses como próximos. Se você acredita que um espírito é capaz de criar ou destruir o mundo, então é lógico ser aterrorizante estar perto dele. Isto também é verdadeiro, até certo ponto, para os espíritos dos ancestrais. As pessoas não os querem próximos demais pois iriam interferir na vida toda.

Tudo isto significa que a distância é um fator crucial na prática religiosa e certamente é na invocação da possessão. Graças a isso vemos muitos xamãs e sacerdotes realizando rituais que os levem para mais próximo dos deuses. Orações, hinos, danças e sacrifícios são projetados para atrair os deuses. O sacerdote tem uma atitude ativa ao invocar os espíritos, mas os espíritos permanecem no controle. O espírito é convidado através da sua música, perfume,

cor e comida favoritos. Os crentes com frequência cantam músicas, exatamente como as crianças da Holanda fazem quando esperam a aparição de São Nicolau (Papai Noel).

O primeiro objetivo nos rituais de possessão é sentir a presença dos espíritos. Isto é obtido quando as representações são visualizadas grandes e próximas o suficiente. Sentir os espíritos é o primeiro passo, mas ser possuído por eles é um passo além.

AUSÊNCIA DE AUTOIMAGEM

Exatamente como no contato com autoridades vivas, a experiência do 'eu' desempenha aqui um papel chave. A consciência de si mesmo (isto é, a autoimagem juntamente com o 'eu-cinestésico') pode atrapalhar. Os estados de transe podem enfraquecer o 'eu' ou removê-lo completamente. Por isso, frequentemente vemos os xamãs entrando em transe com o intuito de acessar o mundo dos espíritos. Muitos xamãs dançam em ritmo rápido, outros usam extratos de ervas para expandir a consciência. O xamã experiente sabe exatamente como alcançar um transe e se abrir para a dominação de um espírito.

TRAZER PARA SI É MAIS SEGURO DO QUE SE AVENTURAR LÁ FORA ENTRE OS ESPÍRITOS

Dentro deste modelo é algo lógico a possessão ser mais fácil para pessoas cuja consciência de si mesma é fraca ou dividida; um forte senso de 'eu' é um problema técnico para alguém tentar ser possuído. Qualquer um que aborde o mundo dos espíritos com uma autoimagem grande e um forte 'sentimento-de-eu' tem muito poucas chances de ser possuído. Se você quiser isto mesmo assim, o que, de fato, geralmente é o caso dos xamãs, então deve tomar medidas para enfraquecer sua autoconsciência no intuito de permitir o acesso aos espíritos.

Um meio alternativo de tornar a possessão possível tendo uma autoconsciência forte é 'trazer para dentro de si'. Isto significa trazer sua autoimagem para tão perto que ela se vira e se mescla ao seu corpo, assim, deixa de estar em algum lugar à sua frente, mas passa a ficar dentro de você. Os espíritos então podem ser trazidos para mais perto sem a autoimagem obstruir o caminho. Isto leva a uma forma de possessão bastante controlada, a qual ainda possibilita

mais ou menos as mesmas coisas que a variante não-controlada feita com um 'eu' fraco. Porém, o 'trazer para dentro de si' talvez resulte em uma possessão menos completa.

A MUDANÇA REPENTINA

Quando os espíritos se aproximam ocorrerá o mesmo que com as autoridades vivas: há uma mudança súbita para a segunda posição. Na dança balinesa das espadas, os dançarinos ficam possuídos quando um grande monstro parecido com um dragão aparece em cena. Talvez o confronto próximo com esta enorme imagem do espírito tenha o mesmo efeito que a confrontação imediata com uma autoridade viva real.

Se a personificação do espírito elicia sentimentos mais fortes do que a autoconsciência, então a primeira substituirá a segunda na posição central do panorama social da pessoa. A autoconsciência atribuída ao espírito tomará o lugar central que implica identificação com o espírito. Até agora tem sido difícil determinar se o xamã deve ir em direção à personificação-do-espírito ou se um espírito concebido de forma suficientemente dominante automaticamente entra no lugar do 'eu-cinestésico' do xamã, onde costuma estar. É possível ocorrerem ambos ao mesmo tempo.

VOLTANDO A SI MESMO

Para ficar 'despossuído' é necessário colocar o espírito novamente a certa distância e trazer de volta o sentimento-de-eu para sua posição central. Outras pessoas podem ajudar neste processo. Elas podem, por exemplo, falar o nome da pessoa envolvida, o que pode funcionar como um tipo de enquadramento de identidade (Akstein, 1991). Isso contrasta com falar o nome do espírito - o que tem o efeito oposto. Os outros também podem trazer a pessoa de volta tocando-a ou colocando um braço ao seu redor. Na maioria das culturas xamânicas existe um ritual especial para sair da possessão. A prática leva à perfeição; um xamã pode transitar entre estar possuído e voltar a si mesmo muito rapidamente.

O TRANSE DA POSSESSÃO

Além do transe já induzido pela dança, o possuído também entra em um transe de possessão (Giel, 1978; Johnstone, 1979). Em esta-

dos de transe deste tipo uma grande porção das habilidades é desligada e outras habilidades são utilizadas com muita intensidade (Hilgard, 1977). Em outras palavras, todo o *software* mental da vida cotidiana vai para os fundos enquanto o 'arquivo' contendo o papel do espírito fica extremamente ativo. Não é coincidência o transe de possessão ser muito parecido com o estado em que um bom ator entra quando está representando um papel (Johnstone, 1979). Nem é coincidência qualquer xamã negar estar representando um papel quando possuído. A crença em haver um controle externo à possessão – o espírito faz isto – é uma parte essencial do sistema de crenças no qual a possessão constitui uma maneira útil de trabalhar.

UM NEGÓCIO SÉRIO, PERIGOSO, SUBVERSIVO E PECAMINOSO

Embora os sintomas possam ser muito parecidos, a possessão, diferentemente de representar um papel, sempre é levada muito a sério. Isto produz a mesma atmosfera possível de ser encontrada nos casos de múltiplas personalidades (Van der Hart, 1991; Spiegel e Spiegel, 1978). Em minha visão é essencial os pesquisadores das desordens de múltiplas personalidades estudarem suas similaridades com o fenômeno da possessão. Lá também coisas como 'fora do meu controle' são levadas muito a sério. A possessão e a desordem de múltiplas personalidades somente são 'reais' se os espíritos ou os alter egos estiverem no controle. O enquadramento se perde imediatamente se o médium em transe afirmar estar representando um papel. Vemos exatamente a mesma coisa no método das constelações, descrito no capítulo anterior. Tão logo a pessoa que desempenha o papel assuma o controle, tudo de repente se torna cômico.

Por isto rir não é permitido no contexto da possessão. Ouvi dizer que o que o demônio mais odeia é o humor relativista. A austeridade e a seriedade aumentam o efeito total.

Em nossa cultura a prática da possessão afeta os relacionamentos das autoridades religiosas existentes e geralmente é rotulada de 'pecaminosa'. Sanções sociais, que em outras épocas levavam até mesmo à pena de morte, obrigam as pessoas a conduzirem suas práticas em segredo, o que lhes dá um caráter ainda mais subversivo.

Em parte devido a isto, as pessoas são sempre advertidas a tomar

muito cuidado; são alertadas sobre ‘terríveis’ perigos indefinidos. Os líderes de cultos utilizam os mesmos argumentos para reservar a possessão para os iniciados. Fazer experimentos com possessão como (Hollander e Derks, 1996a) fizemos é consistentemente desaprovado como algo perigoso, não científico e da ‘nova era’... Incidentalmente, seitas rivais sempre chamam as práticas de possessão da concorrência de ‘perigosas’, ‘ocultas’ ou de ‘magia negra’.

A AMNÉSIA COMO PROVA DE AUTENTICIDADE

Na maioria dos cultos praticantes da possessão acredita-se que, quando alguém está possuído, fica fora de si e perde todo o autocontrole e consciência. Esta última (a perda da consciência) é um mal-entendido. As pessoas confundem a perda de memória com a perda de consciência. As pessoas cometem o mesmo erro em relação aos sonhos (Derks e Sinclair, 2000). Pensam não estarem conscientes quando estão sonhando porque se lembram dos sonhos apenas parcialmente ou não se lembram de nada. Mas o oposto é verdadeiro, os sonhos são experiências intensas, conscientes e esquecidas imediatamente (Evarts, 1967). A confusão é reforçada pela associação feita por Freud entre os sonhos e o subconsciente (Derks, 1988).

Exatamente como em qualquer outra forma de transe, a amnésia pode ocorrer após a possessão (Erickson, Rossi e Rossi, 1976). Às vezes é cultivada, mas é difícil testar se o xamã se lembra posteriormente do que fez durante a possessão. Exatamente como nas ideias populares sobre a hipnose, a amnésia é vista como uma prova de genuinidade: “Eu estava muito longe, eu não me lembro de nada...”.

Esta amnésia significa, entre outras coisas, que um xamã não pode ser responsabilizado por suas ações posteriormente. Se ele, por exemplo, tivesse feito um diagnóstico falho durante a possessão então ninguém poderia se queixar a respeito.

A POSSESSÃO É RECONHECÍVEL PARA AS OUTRAS PESSOAS

Em todos os cultos, os membros conseguem distinguir, olhando para a pessoa, se está ou não possuída. As pessoas supõem que deveriam tratar o possuído como um deus ou um espírito e, por conseguinte, serão muito respeitosas com a pessoa possuída enquanto ela estiver neste estado (Hollander, 1997).

A POSSESSÃO COMO ONIPOTÊNCIA TEMPORÁRIA

A possessão transforma temporariamente as pessoas em deuses. A possessão leva uma pessoa do panorama social para o panorama espiritual e ao mesmo tempo traz um deus para o nível dos mortais. A possessão somente se encaixa em culturas nas quais os panoramas social e espiritual se comunicam livremente um com o outro, e onde não haja divisão entre a igreja e o estado. Onde há esta divisão, as autoridades espirituais e temporais tendem a reprimir qualquer culto que pratique a possessão. Mesmo assim, muitas autoridades políticas assistem impotentes a algumas pessoas conquistarem poder social através de uma ou outra forma de possessão e arrebanharem seguidores que as tratam como deuses.

Lewis (1971) resume esta área de tensão de forma muito bonita:

Finalmente, gostaria de me referir à nossa própria religião. Os cristãos tradicionais retratam Deus como todo-poderoso e onipotente, isso implica automaticamente o homem ser fraco e sem importância. Contudo, esta ideia fez a crença cristã ficar vulnerável em relação ao progresso científico e tecnológico da humanidade. Coisas que a princípio eram governadas apenas por Deus começaram a pertencer ao reino do homem. Isto ameaça enfraquecer a posição inviolável de Deus. As religiões xamânicas, por outro lado, não cometem este erro. Pressupõem a existência de momentos nos quais o homem pode escalar até o nível de Deus. Devido ao homem ser visto originalmente como capaz de participar na autoridade dos deuses, então, não há nada mais importante a se almejar do que se tornar uma autoridade sagrada, um igual aos deuses. Em geral, os rituais de possessão xamânicos demonstram que o homem e os deuses são ambos onipotentes. As religiões xamânicas acreditam em um relacionamento igual com o divino e, portanto, mantêm uma comunidade harmoniosa de deuses e pessoas. Em uma comunidade onde eles (cristãos) perderam o mistério extático (da possessão) seus mitos da criação são os únicos lembretes nostálgicos disto e eles buscam desesperadamente por doutrinas de beatificação pessoal.

7.12 Aplicações terapêuticas

Conhecer os padrões anteriores será suficiente para a maioria dos

Panorama Social

psicoterapeutas. Basta ter certa familiaridade com eles para ser capaz de ajudar clientes com problemas religiosos ou espirituais.

Técnicas para acelerar o processo de luto e para viver em harmonia com a influência perturbadora dos ancestrais são encontradas a seguir neste capítulo através de métodos para trabalhar com experiências espirituais e possessão.

NOTA DE RODAPÉ PARA A APLICAÇÃO DA POSSESSÃO

Como já disse, a possessão geralmente é considerada algo muito sério e potencialmente perigoso. Acredito ser seguro dizer que trabalhar com os espíritos é, de fato, perigoso para as pessoas que acreditam realmente na existência dos espíritos. Se você acredita que eles são construções cognitivas interiores, então já não são tão perigosos, mas também retira uma boa parte da atração. Você terá mais sucesso se trabalhar com um tipo de ambivalência na qual está ciente de os espíritos serem construções cognitivas enquanto, ao mesmo tempo, comporta-se como se eles fossem seres autônomos. Se fizer isto, haverá uma pitada de humor na brincadeira, o suficiente apenas para manter o diabo afastado.

Mais informações sobre o Panorama Social

Sites internacionais de Lucas Derks e do Panorama Social:

<http://www.socialpanorama.com>

<http://www.sociaalpanorama.nl>

Site brasileiro do Panorama Social:

<http://www.panoramasocial.com.br>

Vídeos de entrevistas de Lucas Derks traduzidas para o português:

<http://www.panoramasocial.com.br/htm/conteudos/videos.html>

Livros, artigos e textos de Lucas Derks:

<http://www.sociaalpanorama.nl/literatuur.asp>

Links de alguns dos charts apresentados em treinamentos:

<http://www.sociaalpanorama.nl/flipover.asp>

<http://www.panoramasocial.com.br/htm/conteudos/charts.html>

Brasil, Portugal e países de língua portuguesa pedidos para

Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano
Av. Ipanema, 92 (519) – Sousas – Campinas – SÃO PAULO - Brasil
Tel: +55 (19) 3258-6008 - Fax: +55 (19) 3258-4454
E-mail: potencial.humano@idph.net ou potencial.humano@uol.com.br
www.idph.com.br ou www.panoramasocial.com.br

Reino Unido, Europa & resto do mundo pedidos para

The Anglo American Book Company Ltd.
Crown Buildings, Bancyfelin, Carmarthen, Wales SA33 5ND
Tel: +44 (0) 1267 211880 ou 211886 - Fax: +44 (0) 1267 211882
E-mail: books@anglo-american.co.uk
www.anglo-american.co.uk

África do Sul pedidos para

Everybody's Books CC
PO Box 201321, Durban North, 4016, RSA
Tel: +27 (0) 31 569 2229 - Fax: +27 (0) 31 569 2234
E-mail: warren@ebbooks.co.za

EUA, Canadá & México pedidos para

Crown House Publishing Company LLC
4 Berkeley Street, 1st Floor, Norwalk, CT 06850, USA
Tel: +1 203 852 9504 - Fax: +1 203 852 9619
E-mail: info@CHPUS.com
www.CHPUS.com

Australásia pedidos para

Footprint Books Pty Ltd.
Unit 4/92A Mona Vale Road, Mona Vale NSW 2103, Austrália
Tel: +61 (0) 2 9997 3973 - Fax: +61 (0) 2 9997 3185
E-mail: info@footprint.com.au
www.footprint.com.au

Singapura pedidos para

Publishers Marketing Services Pte Ltd.
10-C Jalan Ampas #07-01
Ho Seng Lee Flatted Warehouse, Singapore 329513
Tel: +65 6256 5166 - Fax: +65 6253 0008
E-mail: info@pms.com.sg
www.pms.com.sg

Malásia pedidos para

Publishers Marketing Services Pte Ltd.
Unit 509, Block E, Phileo Damansara 1, Jalan 16/11
46350 Petaling Jaya, Selangor, Malaysia
Têl : +03 7955 3588 - Fax : +03 7955 3017
E-mail: pmsmal@streamyx.com
www.pms.com.sg

Informações sobre a edição brasileira

Essa edição em língua portuguesa brasileira do livro “Panorama Social” de Lucas Derks foi elaborada e produzida pela IDPH Editora e Livraria, empreendimento de apoio do Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano (<http://www.idph.com.br>).

O Instituto de Desenvolvimento do Potencial Humano apoia e promove treinamentos de alto desempenho de vários palestrantes internacionais que ofereçam excelente performance em público e alta qualidade de conteúdo. Tais eventos têm a finalidade de trazer esses contatos e conhecimentos disponíveis no mercado internacional para o público brasileiro, tão carente de produtos educacionais de alta qualidade.

Caso você tenha interesse de conhecer mais sobre os treinamentos de Lucas Derks no Brasil ou participar de algum deles, obtenha mais informações nos *sites* abaixo:

www.panoramasocial.com.br

www.idph.com.br

www.abcdin.com.br

Caso você também tenha interesse em desenvolvimento de competências, “*softwares* cerebrais” e desenvolvimento pessoal, você tem aqui a sugestão de visitar os *sites* temáticos da comunidade do IDPH:

<http://www.academiadecompetencias.com.br>

<http://www.projetogalileu.com.br>

<http://www.academiadelideres.com.br>

<http://www.congressodeaprendizagem.com.br>

<http://www.universodainteligencia.com.br>

<http://www.aprendapnl.com.br>

<http://www.cb pnl.com.br>

<http://www.concentracaodinamica.com.br>

<http://www.desbloqueiodeidiomas.com.br>

<http://www.inteligenciadinamica.com.br>

<http://www.autocinetica.com.br>

<http://www.constelacoeshumanas.com.br>

<http://www.coachingestrutural.com.br>

<http://www.livre-sedosoculos.com.br>

Outras publicações do editor sobre métodos de aprendizagem

MAPAS MENTAIS

Enriquecendo Inteligências

Walther Hermann Kerth & Viviani Bovo - 2005

Mapas mentais, mapeamento mental ou de informações, entre outros, são diferentes nomes para designar uma metodologia esquemática de organização e registro de informações. Da mesma forma que guardar um pertence pode preservar tal objeto, as técnicas de registro de informações foram desenvolvidas empiricamente por indivíduos que obtêm excepcional desempenho de memorização, ordenação e resgate de conhecimentos, identificados como aquelas pessoas que aprendem muito, são excelentes alunos e, no entanto, nem sempre se esforçam muito para isso!



Essas técnicas foram observadas e estudadas para que pudessem ser ensinadas, principalmente àqueles que desejam melhorar seu desempenho no aprendizado e otimizar seus esforços de aprender, memorizar, sistematizar, organizar, classificar, criar, recordar e gerenciar informações. Esse é o assunto deste livro.

O sonho que deu origem a esse trabalho foi o de contribuir para a formação de um povo brasileiro mais informado, mais educado, mais próspero e mais feliz – principalmente porque essa técnica nos proporciona melhor desempenho de aprendizado com menos esforço, disponibilizando tempo para que possamos investir mais na realização de nossos sonhos!

A ser lançado em breve:

COMO APRENDER E FALAR OUTROS IDIOMAS SEM SOFRIMENTO

Aprendizagem Dinâmica de Idiomas

Por que algumas pessoas aprendem e usam facilmente e outras não?

O que você queria saber sobre o aprendizado de idiomas estrangeiros e nem sabia como perguntar

Técnicas de aprendizagem, memorização, motivação, desinibição e desbloqueio para aprender e falar línguas estrangeiras



Lucas A. C. Derks nasceu em 1950 na Holanda, no vilarejo de Oosterbeek. Desde tenra idade o seu talento nas artes visuais foi a sua estrela guia. Fez duas exposições individuais em 1980 e 1983. É psicólogo social, treinador, *coach*, pesquisador e escritor, com sete livros publicados sobre psicologia. Desde 1968 até o presente esteve ativamente envolvido em montanhismo e com corridas a pé.

O estudo original de artes lhe proporcionou a competência de elaborar ilustrações capazes de comunicar, com grande elegância, bem além das palavras. De 1970 em diante desenvolveu um forte interesse pela psicologia e começou um estudo de tempo integral no campo da Psicologia Social em 1976. Obteve o seu mestrado em 1982 com uma dissertação sobre Pragmatismo.

Passou seis meses na África durante sua vida universitária. Treinou-se em PNL em vários institutos desde 1977 em diante. Em 1986 escolheu dedicar-se exclusivamente à PNL e assuntos relacionados. Desde 1993 desenvolveu o modelo do Panorama Social como uma 'ferramenta' para diagnosticar e melhorar relacionamentos humanos.

Trabalha principalmente como treinador de psicoterapeutas, mediadores, *coaches* especialistas em solução de conflitos, gerentes, administradores, médicos e dentistas. Associou-se aos treinadores de PNL holandeses Jaap Hollander e Anneke Durlinger. Desde então atua como treinador reconhecido na Holanda e em muitos outros lugares, tais como Bélgica, França, Alemanha, Itália, Hungria, Finlândia, Guiana Holandesa, Inglaterra, Nova Zelândia, Polônia, Grécia, Estados Unidos, Rússia, Hong Kong, Croácia, Malta e Brasil, entre vários outros.

Por que sou infeliz com minha vida social?

Como posso melhorar meus relacionamentos?

Por que eu me sinto tiranizado e intimidado?

As respostas a todas essas perguntas devem ser encontradas em seu livro *Panorama Social*. Panoramas Sociais revelam a paisagem inconsciente de imagens e pessoas que rodeiam cada um de nós.



Ele nos ajuda a perceber a localização das pessoas significativas dentro de nosso espaço mental, ensina-nos a remodelar nossos mundos interiores e guia-nos em direção à recriação bem-sucedida de nossas perspectivas próprias e em relação aos outros.

Através deste livro, leitor, o seu Panorama Social único se revelará, proporcionando mais confiança, melhor autoestima e ganhos expressivos nas suas relações com outras pessoas. O modelo do Panorama Social oferece a *coaches*, terapeutas e conselheiros um largo repertório de novos instrumentos e métodos para solucionar questões de relacionamentos dos seus clientes com uma simplicidade, precisão e elegância desconhecidas anteriormente.

editora
idph

ISBN 978-85-63935-00-7



9 788563 935007